



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA - LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA – FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

NÁDIO CLEY LIMA REIS

**A ANÁLISE DISCURSIVA DAS LETRAS MUSICAIS
DA BANDA LEGIÃO URBANA:
Possibilidades metodológicas para as aulas de Língua Portuguesa**

Itaituba - PA

2018

NÁDIO CLEY LIMA REIS

**A ANÁLISE DISCURSIVA DAS LETRAS MUSICAIS
DA BANDA LEGIÃO URBANA:
Possibilidades metodológicas para as aulas de Língua Portuguesa**

Monografia de graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras
da Faculdade de Itaituba – FAI.

Orientadora prof. Esp. Railane Esmeralda Cruz
Figueira.

Itaituba - PA

2018

REIS, Nádio Cley Lima

A Análise discursiva das letras musicais da Banda Legião Urbana: Possibilidades metodológicas para as Aulas de Língua Portuguesa/Nádio Cley Lima Reis/ Itaituba: FAI, 2018.

73 f.

Orientadora: Railane Esmeralda Cruz Figueira.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Itaituba, 2018.

1. Análise do Discurso. 2. Gênero Textual. Figueira, Railane Esmeralda Cruz. II. Faculdade de Itaituba. Itaituba, BR – PA, 2018.

NÁDIO CLEY LIMA REIS

**A ANÁLISE DISCURSIVA DAS LETRAS MUSICAIS
DA BANDA LEGIÃO URBANA:
Possibilidades metodológicas para as aulas de Língua Portuguesa**

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras
da Faculdade de Itaituba – FAI.

Orientadora prof. Esp. Railane Esmeralda Cruz
Figueira.

BANCA EXAMINADORA

PRESIDENTE: _____ NOTA _____
Prof.^a Mara Aparecida Pereira do Nascimento, Especialista

ORIENTADORA: _____ NOTA _____
Prof.^a Esp. Railane Esmeralda Cruz Figueira, Especialista

AVALIADORA: _____ NOTA _____
Prof.^a Verônica Gomes Moreno, Especialista

RESULTADO: _____ Média: _____

Data: 17 de fevereiro de 2018

Dedico este trabalho aos meus pais, que construíram a base do que sou hoje, aos meus amigos e professores, que me apoiaram e me orientaram.

AGRADECIMENTOS

Ao longo dessa jornada, várias foram as pessoas que me acompanharam e cada um contribuindo da sua forma para o sucesso na elaboração desta monografia. A todos da minha família eterna gratidão

Aos mestres, que me transmitiram seus conhecimentos e experiências profissionais, expresso os meus mais profundos agradecimentos.

Em especial à minha mãe, Maria, que foi quem me incentivou nessa jornada de ensino e a todos os meus amigos que me apoiaram quando eu mais precisei.

À minha preciosa família, que abriu mão de momentos de convívio e que compreendeu a minha ausência quando o dever e os estudos me chamavam.

A todos os meus colegas de turma que sempre me deram palavras de força e de superação.

À minha orientadora, professora Railane Esmeralda Cruz Figueira, que me deu a oportunidade de ser seu orientando e poder usufruir de seu vasto conhecimento.

A todos, os meus mais sinceros agradecimentos. Deus, Obrigado!

*“Sem música, a vida seria um erro”
(Friedrich Nietzsche)*

RESUMO

A monografia em questão, apresentada para obtenção de título de Licenciatura Plena em Letras da Faculdade de Itaituba (FAI), tem como tema “A Análise Discursiva das Letras Musicais da Banda Legião Urbana: Possibilidades Metodológicas para as Aulas de Língua Portuguesa”. Este trabalho tem como objetivo apresentar o discurso e a ideologia que há nas letras musicais da banda Legião Urbana e propor metodologias que poderão ser usadas em sala de aula, haja vista que o gênero letra de música é um excelente método de ensino para alunos adolescentes. Inicia-se com um apanhado do contexto que envolve a análise de discurso e a construção do sujeito do discurso e a ideologia que predomina dentro de um texto, evidenciando a vida e obra da Banda em questão e a análise de algumas letras musicais da banda e seus discursos. Para este trabalho foi realizado embasamento, por meio de várias pesquisas bibliográficas e fontes secundárias, obtendo-se respostas que se constituíram no *corpus*, servindo, então, de base para a análise qualitativa e interpretativa do material. A Letra de música é fundamental na sala de aula, não apenas para o desenvolvimento da produção de texto, conhecimento de gêneros e apreciação musical (letra e melodia), mas, também, pelo fato de despertar emoções, pensamentos críticos e tornar os educandos mais sensíveis às questões e problemáticas do cotidiano. Com este gênero textual, o professor pode trabalhar questões sociais, seja ela qual for, ele estará trabalhando uma estrutura essencialmente perfeita em todos os sentidos e também pode estar trabalhando com a Letra de Música várias possibilidades metodológicas em sala de aula, proporcionando ao ambiente de aula um aprendizado e uma dinamicidade sem igual e saindo um pouco daquelas aulas cansativas em que o aluno mostra pouco interesse.

Palavras-chave: Análise de Discurso, Ensino, Letra de Música, Legião Urbana.

ABSTRACT

The monograph in question, presented to obtain the title of Full Degree in Literature, Faculty of Itaituba (FAI), has as its theme "The Discourse Analysis of Musical Arts Band Urban Legion: Methodological possibilities for Portuguese lessons." This work aims to present discourse and ideology that's musical lyrics Urban Legion Band and propose methodologies that can be used in the classroom, given that gender lyric is an excellent teaching method for adolescent students. It begins with an overview of the context in which the speech analysis and the construction of the subject of discourse and ideology that prevails within a text, showing the life and work of the band in question and the analysis of some musical band's lyrics and his speeches. For this work was carried out basis, through various literature searches and secondary sources, obtaining responses that formed the corpus, serving then as a basis for qualitative and interpretative analysis of the material. The lyrics are important in the classroom, not only for the development of text production, knowledge of genres and music appreciation (lyrics and melody), but also by the fact that arouse emotions, critical thinking and make the students more sensitive to issues and everyday problems. With this genre, the teacher can work social, whatever it may be, he will be working an essentially perfect structure in every way and may also be working with the Music Lyrics various methodological possibilities in the classroom, providing the environment class a learning experience and an unparalleled dynamism and leaving some of those tiresome classes in which the student shows little interest.

Keywords: Discourse Analysis, Education, Music Lyrics, Urban Legion.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Renato Russo.....	31
Figura 02 - Fãs amapaenses celebram Tributo a Legião Urbana.....	38

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
2.1 CONHECENDO A ANÁLISE DO DISCURSO.....	14
2.2 CONCEITO DE DISCURSO.....	17
2.3 SUJEITO E IDEOLOGIA.....	20
2.4 FORMAÇÃO DISCURSIVA.....	22
2.5 CONCEPÇÃO SOCIOINTERACIONISTA DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	26
2.6 O GÊNERO TEXTUAL LETRAS DE MÚSICA.....	28
2.7 RENATO RUSSO: TRAÇOS DE UMA VIDA EM PROL DA ARTE.....	31
2.8 A RELAÇÃO LEGIÃO URBANA E A INSPIRAÇÃO PARA A JUVENTUDE.....	36
3. METODOLOGIA DA PESQUISA.....	39
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	39
3.2 COLETA DE DADOS.....	41
4. RESULTADO E ANÁLISE DOS DADOS.....	44
4.1 ANÁLISE DAS MÚSICAS.....	44
5. PROPOSTA METODOLÓGICA.....	60
5.1 LEITURA.....	60
5.2 INTERPRETAÇÃO.....	61
5.3 SEMINÁRIO.....	62
5.4 PRODUÇÃO TEXTAL.....	62
5.5 TEATRO.....	63
5.6 ENTREVISTA.....	64
6. CONCLUSÃO.....	65
REFERÊNCIAS.....	65
ANEXO.....	69

1. INTRODUÇÃO

O gênero Letra de Música é sem dúvida uma alternativa ou caminho para auxiliar nas reflexões sobre os diferentes temas presentes na sociedade contemporânea. Além de propiciar o desenvolvimento da leitura, oralidade e escrita, é um dos gêneros textuais com características específicas, carregada de palavras em sentido conotativo, que possibilita uma leitura crítica e interpretativa, objetivando a formação de leitores mais aguçados.

Em virtude disto, esta monografia tem como tema “A Análise Discursiva das Letras Musicais da Banda Legião Urbana: Possibilidades Metodológicas para as Aulas de Língua Portuguesa”, destinada à obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras pela Faculdade de Itaituba (FAI), partindo-se do fato de que há uma grande dificuldade na interpretação, na análise do discurso e sua ideologia, principalmente, quando se trata das Letras Musicais da banda Legião Urbana, o que ocasiona em uma leitura superficial sem considerar vários fatores nas quais são produzidas. Essa dificuldade se dá pela desvalorização da análise de textos, sendo seguida da falta de leitura e o seu não incentivo, o que proporciona numa deficiência na capacidade interpretativa de cada indivíduo.

Dessa forma, o estudo em questão tem como objetivo principal analisar o discurso presente nas letras musicais da banda Legião Urbana, e sugerir Letras de Músicas como um ótimo recurso de ensino, especificando que elas possuem certa carga ideológica, demonstrando assim a importância das mensagens que há nas letras musicais, e possibilitando uma leitura crítica e interpretativa.

O trabalho foi desenvolvido a partir de uma abordagem qualitativa, com pesquisas bibliográficas e de fontes secundárias, consultando autoras e autores renomados sobre o assunto, tais como: Assad (2000), Brandão (2004), Dapieve (2000), Orlandi (2009), Souza (2014), conceituando os temas que envolvem o assunto, evidenciando a importância do discurso nas letras musicais da Banda Legião Urbana.

As questões norteadoras deste trabalho são as seguintes: Como a ideologia afeta e constrói o sujeito? Qual a relevância de fazer uma análise do discurso? Qual a importância de se trabalhar o gênero Letra de Música em diferentes possibilidades em sala de aula?

Esta monografia está estruturada inicialmente pela introdução, apresentando a problemática geradora, a justificativa, demonstrando a relevância do estudo e os objetivos buscados. Em seguida, a fundamentação teórica, compreendendo a compilação de informações teóricas dos autores já mencionados sobre a temática abordada, mais especificamente, a Análise do discurso e alguns de seus conceitos-chaves, como o discurso, a ideologia e sujeito e a formação discursiva; abordando a concepção sociointeracionista da Língua Portuguesa e o gênero textual letra de música; conhecendo um pouco da vida de Renato Russo, desde o trovador solitário até a banda Legião Urbano, e a influência da banda para a juventude de hoje. A terceira parte apresenta detalhadamente a metodologia utilizada para elaboração do referido estudo e a seleção das letras de música que serão analisadas. A quarta parte mostra a análise discursiva das letras selecionadas, evidenciando o discurso presente por trás do texto, e a apresentação de algumas possibilidades metodológicas, que visa proporcionar aos professores uma forma diferente de abordar o gênero letra de música nas aulas de Língua Portuguesa. A penúltima parte da monografia traz a conclusão, a última parte traz apresentação das referências utilizadas neste estudo.

Vale ressaltar que as análises realizadas nesse trabalho estão sustentadas na Análise do Discurso de linha francesa, porém essas análises são de cunho interpretativo e cabe a cada analista fazer a sua, tão logo, o espaço fica aberto para infindáveis discussões.

Contudo, este trabalho propõe contribuir socialmente aos admiradores dessa cultura musical, oferecendo-lhes subsídios de análises e reflexões numa perspectiva mais crítica de modo a fazer considerações entre as músicas e o contexto social em que elas se apresentam. E, ainda, contribuir academicamente com o docente de Língua Portuguesa que se interessam ou trabalham com a Análise do Discurso.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 CONHECENDO A ANÁLISE DO DISCURSO

Analisar um texto significa interpretá-lo em seus mais variados aspectos, levando em conta o seu conteúdo sócio-histórico. A análise de Discurso (AD), que também é chamada de AD francesa, surgiu no final da década de 1960, na França. Organizada por Michel Pêcheux, mais conhecido como o fundador, o mesmo articulou os conceitos de língua, ideologia, discurso e sujeito e assim fundou esta disciplina. Souza (2014, p. 03). A análise do discurso surge com o propósito de procurar entender as várias construções ideológicas presentes no discurso.

A análise de Discurso francesa, que tem sua origem nos anos 60, surge em um contexto intelectual afetado por duas rupturas. De um lado, com o progresso da Linguística, era possível não mais considerar o sentido apenas como conteúdo. Isto permitia à análise de discurso não visar *o que* o texto quer dizer (posição tradicional da análise de conteúdo em face de um texto), mas *como* um texto funciona (ORLANDI, 2008, p. 20).

Contando um pouco da história e Origem da Análise do Discurso, Orlandi relata que ela tem sua origem nos anos 60, e surge influenciada pela consequência de duas rupturas. De um lado, o progresso da linguística, que já não considerava o sentido apenas como conteúdo, o que proporcionou a AD analisar não só o que o conteúdo do texto dizia, mas também possibilitou analisar como o texto funciona, ou seja, qual o significado por traz da construção do texto. Qual o processo pelo qual o próprio texto foi construído.

A AD é uma espécie de antidisciplina, uma desdisciplina, que vai colocar questões da linguística no campo de sua constituição, interpelando-a pela historicidade que apaga do mesmo modo que coloca questões para as ciências sociais em seus fundamentos, interrogando a transparência da linguagem sobre a qual elas se assentam (ORLANDI 1998, p. 25 apud SOUZA, 2006, p. 15).

Segundo as palavras da própria autora supracitada, ela afirma que a AD é uma espécie de antidisciplina, ou seja, ela vai fazer uso de algumas questões que envolvem a linguística em seu campo de construção, convocando para dentro da

mesma o fator sócio-histórico, que outrora havia sido excluído de seus estudos, e ao mesmo tempo vai fazer uso de questões das ciências sócias em seus fundamentos. É por essa razão que é considerada uma antidisciplina, pois vai percorrer dois caminhos de ciências diversas a fim de chegar a um objetivo que é a Análise do Discurso.

Para a AD, nada na língua é aleatório. O uso de palavras e frases não é resultado de liberdade do falante. Esse uso é determinado pelas possibilidades de dizer, que por sua vez, são determinadas pelas *condições sócio-históricas de produção*. Embora o sujeito possa dizer tudo na língua – enquanto falante do idioma –, ele não pode dizer tudo na língua – enquanto sujeito do discurso (SOUZA 2014, p. 06, grifo do autor).

Levando em consideração as palavras de Souza, Não é porque usamos a língua para nos comunicarmos que temos o direito de dizer tudo, há um limite a ser seguido. Portanto, o falante, ao usar palavras ou frases, não tem total liberdade, isso porque nada na língua é aleatória. O uso de tais frases depende das condições de produção, haja vista que no ato discursivo, o falante só poderá dizer o que lhe é cabível no momento, levando em consideração as condições sócio-históricas e a formação discursiva. A interação entre o sujeito e toda sua vivência histórica em sociedade faz com que as informações seguintes a serem ditas, sejam analisadas e formuladas com o propósito a ser cumprido. A língua, quando usada pelo falante, proporciona ao sujeito a liberdade de dizer tudo, sem que tenha alguma restrição, porém, quando o mesmo é sujeito do discurso, ele terá limites ao formular cada enunciado, haja vista que o mesmo terá que respeitar valores culturais, éticos e sociais que contingenciam o discurso.

Na medida em que a análise de discurso trabalha o efeito ideológico, ela toma posição em face de um conjunto de questões colocadas em relação à significação e à história. Na construção de seu dispositivo, ela teoriza sobre o fato da interpretação. Nesse sentido, ela se constitui (ORLANDI, 1996 apud ORLANDI, 2008, p. 22).

De acordo com a citação acima, quando a análise do discurso trabalha o efeito ideológico, ela toma em face um conjunto de questões que estão relacionadas à significação e à sua história. Sendo assim, a ideologia tem um papel importante na construção do dispositivo de sentido, pois quando trabalhamos o seu efeito ideológico, é criado um conjunto de questões que estarão relacionadas às significações e a história. É a partir, então, dessas questões que a análise de

discurso se constrói em relação à ideologia, tomando-a como parte de fator interpretativo.

Nessa estância “A Análise do Discurso implica apreender a língua, o sujeito e a história, em funcionamento, uma vez que a própria teoria do discurso revela uma determinação histórica dos processos semânticos, e, com isso, uma dispersão dos sentidos” Gregolin (2003, apud FERNANDES, 2013, p. 51). Compreendendo as palavras do autor, ele afirma que a língua, o sujeito e a história estarão formando um conjunto no qual cada um terá importância no campo da (AD). Todos esses elementos terão influência no processo semântico, isso porque a AD vai estudar todos esses elementos sobre uma visão histórica, e esse estudo proporcionará uma dispersão de sentidos ao se fazer uma análise. O sujeito terá a língua como o seu principal instrumento de interação, na qual ela o proporcionará interagir com a sociedade ao longo da história e assim se tornar o sujeito do discurso.

A análise do Discurso visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido. A Análise do Discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação (ORLANDI, 2009, p. 26).

Orlandi explica, em sua citação, que a Análise do Discurso terá como objetivo compreender como os objetos simbólicos produzem os seus sentidos, ou seja, como os objetos situados no espaço terão seu significado, como cada um terá um sentido e influenciarão na formação do discurso do sujeito, e ainda ressalta que são os próprios gestos de interpretação que serão os verdadeiros atos no domínio simbólico.

Segundo a autora Guimarães (2009, p. 113) Em uma amplitude leva a considerar que a análise do discurso:

não se restringe a dar conta de certo fatos da estrutura de uma língua ou de certas propriedades da natureza da linguagem; estende-se no sentido de justificar o modo pelo qual os falantes interagem quando colocam em funcionamento uma língua, quando agem em função dela, quando a usam para informar ou desinformar, quando dela se utilizam para comunicar ou para mandar calar; não se interessa tanto por aquilo que o texto diz ou mostra, pois não é uma interpretação semântica de conteúdos, mas seu interesse está voltado para como e por que o texto o diz e mostra.

Em relação ao que diz a autora Guimarães acima, a análise do discurso não busca apenas dá conta de certos fatos da estrutura da língua, ou de natureza da linguagem, ela tem como princípio de busca entender como os falantes interagem em seu meio social, quando os mesmos agem em função dela, como eles fazem uso da mesma para se comunicarem e conseguirem algo, seja de seu interesse ou não, até porque a análise do discurso vai procurar entender por que o texto diz e mostra o conteúdo daquela forma.

Cada situação de fala põe o indivíduo em uma *posição-sujeito*. A posição-sujeito é um conceito da AD que se refere ao lugar de onde se fala e se produz sentido. No entanto, quando falamos em lugar, não é do lugar físico que falamos, mas do lugar simbólico, construído historicamente nas relações sociais (SOUZA, 2014, p. 06 grifo do autor).

Quando o autor fala em posição-sujeito, como um lugar, ele não quer dizer exatamente de um lugar físico, mas sim, de um lugar simbólico, que o sujeito constrói através das relações sociais na qual ele vive historicamente. Sendo assim, o sujeito estando envolvido nesse lugar, ele estará construindo princípios ideológicos que o influenciará em meio à sociedade. Portanto, ao se comunicar, o sujeito automaticamente estará fazendo uso de um conhecimento que ele próprio, por intermédio de sua posição de sujeito, tem o direito de dizer. Em outras palavras, ele produz o discurso porque tem o direito de produzir, e tem todo um conhecimento cabível em dizer o que está dizendo. Cada sujeito que possui certo conhecimento específico, seja qual for o campo do saber, automaticamente exerce uma posição-sujeito ao falar.

Conforme a autora Orlandi (2009, p. 15) “Na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”. Dessa forma, a análise de discurso se empenha em compreender os sentidos da língua, tendo como produto: o homem e sua história.

2.2. CONCEITO DE DISCURSO

“Há várias definições quando se trata em conceituar o discurso, mas talvez a mais exata seja que ele é, na verdade, um processo interacional entre sujeitos

situados social e historicamente” Guimarães (2009, p. 93). Dessa forma, o discurso seria construído a partir de um processo histórico, no qual o indivíduo estaria em contato com outros indivíduos. Guimarães afirma que a essência do discurso, o seu formador principal, é a interação do sujeito no meio social, é esse contato e toda a vivência em meio a esse espaço social que o discurso é formado, influenciado de várias formas.

Para Orlandi (2009, p. 15) “A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, ela não vai tratar da língua, e nem da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso”. O discurso é o alvo a ser estudado pela (AD), embora ela faça uso de alguns aspectos da língua e da gramática, ela vai focar em seu objeto de estudo: o discurso.

Segundo Brandão (1995, p. 31 apud GUIMARÃES 2009, p. 97) “quem fala, fala de algum lugar a partir de um direito reconhecido institucionalmente. Esse discurso, que passa por verdadeiro, que veicula saber, é gerador de poder”. Observando esta citação de Brandão, podemos dizer que o discurso sempre carrega em sua forma um saber, algo que institucionalmente tem caráter de poder, pois é caráter próprio do sujeito ter, em sua formação, um critério de dominância de discurso. O autor nos mostra que o sujeito ao falar tem por direito certa autoridade diante do outro, isso porque o sujeito, com todo o seu conhecimento adquirido, produz certa autonomia ao interagir, criando uma autoridade cabível.

Por discurso, entendemos toda atividade comunicativa, produtora de sentidos, ou melhor, de efeitos de sentidos, entre interlocutores (sujeitos situados social e historicamente) nas suas relações interacionais. Pressupõe uma concepção de língua enquanto trabalho atividade de construção de sentidos entre falantes na qual o que se diz significa em relação ao que não é dito, ao efeito que se pretende atingir; significa em relação ao lugar social de onde se diz, a quem se diz; significa em relação a outros discursos que circulam socialmente (BRANDÃO, 2000, p. 02).

A autora Brandão, em sua concepção, afirma que o discurso é toda atividade comunicativa, na qual produz sentidos diversos quando, entre interlocutores, há uma interação, uma comunicação. A mesma ainda afirma que essa produção de sentidos se dá da seguinte forma: os sentidos são produzidos quando no qual o que se diz significa em relação ao que é dito, ao efeito que se pretende atingir, tudo isso estando de maneira direta ligada ao lugar social de onde essa interação ocorre. Com

isso, o discurso mantém uma relação com outros discursos que são influenciados socialmente pelo local de onde estão sendo produzidos.

O discurso é o conjunto de princípios, valores e significados 'por trás' do texto. Todo discurso é investido de ideologias, é, maneiras específicas de conhecer a realidade. Além disso, todo discurso é também reflexo de uma certa hegemonia, é, exercício de poder e domínio de uns sobre outros. A partir dessas características, o discurso organiza o texto e até mesmo estabelece como o texto poderá ser, quais tópicos, objetos ou processos serão abordados e de que maneira o texto deverá ser organizado (KRESS, 1989, apud MEURER; BONINI; MOTTA-ROTH, 2005, p. 69).

Levando em conta a observação de Krees, o discurso é um conjunto que envolve princípios, valores e significados que estão por trás do texto, ou seja, em sua estrutura. O discurso sempre está carregado de ideologias, além de valores e significados. Ele exerce certo grau de poder e de domínio entre outros discursos. O autor ainda afirma que todos esses aspectos por trás do discurso, faz com que ele estabeleça como o texto irá funcionar, quais objetivos, ou processos serão abordados.

O **discurso** manifesta-se linguisticamente por meio de textos, materializa-se sob a forma de texto por meio do qual se pode entender o funcionamento do discurso. A linguagem enquanto discurso é interação – um modo de produção social; não é neutra, na medida em que está engajada numa intencionalidade (GUIMARÃES, 2009, p. 95 grifo do autor).

De acordo com o autor supracitado, o discurso está ligado às estruturas do texto, é nessas estruturas que ele se manifesta, trazendo em si um propósito a cumprir, apresentando certo grau de intencionalidade. Assim Guimarães (2009, p. 126) diz que “o discurso não é outra coisa senão o mesmo texto, que, no entanto, se discursiviza na medida em que o seu analista busca intenções não explicitadas, ou seja, a ideologia que move o autor na elaboração do texto”. Ou seja, o texto deixa de ser texto quando o analista busca as intenções que não estão explicitadas, e essas intenções não estão expostas na superfície do texto, mas sim nas suas estruturas, e são, de fato, as ideologias que estão por trás da formação de cada discurso.

Em outra visão de discurso, Souza (2014, p. 09) afirma que “a língua é uma prática social de sujeitos ideológicos que, por práticas de pensamento, querem que seus sentidos sejam os sentidos prevalecentes. A realização da ideologia na língua, sua luta por poder, é o discurso”. O discurso, como sugere o autor, está relacionado como uma espécie de poder, que quando sujeitos ideológicos que praticam

socialmente com sua língua querem que seus sentidos sejam os sentidos prevalecentes, ou seja, no ato da interação com outros discursos, os seus sentidos sejam sempre aceitos como dominantes.

Já Guimarães em seu livro *Texto, discurso e ensino*, define o discurso como:

O **discurso**, definido, pois, como uma entidade histórica (ideológica) que se elabora socialmente, através de sua materialidade específica, que é a língua manifestada no texto. É próprio do discurso privilegiar a natureza funcional e interativa e não o aspecto formal e estrutural da língua – o que é, como vimos, característica do texto (GUIMARÃES, 2009, p. 89).

Conforme o autor supracitado, o discurso é como uma entidade histórica, em outras palavras, ele é formado por ideologias que se elaboram socialmente estando em contato com a língua, no qual se materializa sobre ela e que é manifestada através do texto, pois o discurso está na estrutura do texto, e é lá que ele se materializa.

Segundo a autora Orlandi (1999, p. 15 apud FERNANDES, 2013, p. 13) “A palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”. A autora, ao dizer que o discurso tem a ideia de curso, percurso, isso na sua definição etimologicamente, quer dizer que o discurso passa por processos de formação, o mesmo discurso é produzido de várias outras formas, por isso podemos compreendê-lo como movimento, formado entrando em contanto com outros discursos.

2.3 SUJEITO E IDEOLOGIA

De acordo com Guimarães (2009, p. 98) “Apreendido na sua construção histórica, atravessado por discursos e interpelado pela ideologia, o sujeito se constrói e é construído na interlocução que se produz no próprio espaço da interação – o texto”. O autor diz que o sujeito se forma através de uma construção histórica, que ao estar em contato com discursos e influenciado por ideologias, ele adquire características e assim forma a sua própria maneira de ver algo, dando significado e formando seu próprio modo de pensar e interagir em sociedade. Assim

como Brandão diz que “o sujeito só constrói sua identidade na interação com o outro. E o espaço dessa interação é o Texto” Brandão (2004, p. 76).

Segundo Orlandi (2009, p. 46) “a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos, o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza ao dizer”. Conforme a autora afirma, a ideologia é a principal constituidora do sujeito e de seus sentidos, pois é ela que vai influenciar na maneira que o indivíduo vai se tornar sujeito e escolher a forma como ele vai se pronunciar diante da sociedade com seus discursos. Em outras palavras, a ideologia convoca o indivíduo, e ele, ao se reconhecer por suas ideias, se sujeita a ela, tornando assim um sujeito do discurso.

O sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados. Pela língua (ORLANDI, 2009, p. 47).

A autora Orlandi afirma em sua citação acima que o sujeito é determinado pela relação que há entre a língua e a sua história. Essa relação de certa forma formará o modo de pensar do sujeito, ou seja, o sujeito ao longo da sua história fará uso da língua, eventualmente para interagir com outros indivíduos, sendo assim, essa interação formulará a forma como o indivíduo irá pensar, haja vista que não há discurso sem sujeito, e que também não existe sujeito sem ideologia, como a autora assim frisa. Outro ponto forte que a autora diz é que: “a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos” Orlandi (2009, p. 46).

A ideologia se instaura na sociedade principalmente pela língua, da qual o sujeito se apropria para comunicar-se, fazer-se entender – fato que justifica a definição de discurso como ponto de articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos linguísticos. Na relação mundo/linguagem entra como condição essencial à **ideologia** (GUIMARÃES, 2009, p. 103, grifo do autor).

Segundo Guimarães, a língua é a principal propagadora da ideologia. Na medida em que o sujeito se apropria da língua para se comunicar, ele automaticamente está fazendo uso de suas ideias, disseminando-as através de seus discursos. Assim como Souza (2014, p. 12) diz que “como a ideologia não é

acessível diretamente, ela precisa tomar forma de algo que lhe dê vazão, é a língua que funciona como esse elemento carreador da ideologia”. Tanto Guimarães como Souza, os dois autores concordam que a ideologia precisa da língua para se propagar, fazendo efeito na sociedade, e é através da língua que ela vai iniciar o processo de formação de discurso nos sujeitos.

De acordo com Guimarães (2009, p. 107) “A ideologia tem uma grande capacidade de mobilizar as pessoas e as massas, enquanto espelha uma visão de mundo, uma diversidade de valores, ou melhor, ainda, um juízo de valor sobre essa ou aquela situação”. Para o autor, a ideologia exerce a capacidade de mobilizar, de manipular as pessoas, e até mesmo de influenciar grandes massas, usando uma diversidade de valores, valores esses que no momento, na situação que são utilizadas, tem um grande valor intencional, o de convencer um montante de indivíduos a se identificar a ela.

Acerca de ideologia, Fernandes (2013, p. 14) argumenta que “A ideologia materializa-se no discurso que, por sua vez, é materializado pela linguagem em forma de texto; e/ou pela linguagem não-verbal, em forma de imagens”. Essa perspectiva de visão que o autor tem sobre ideologia, nos leva a entendê-la como algo que se materializa no discurso, ou seja, o discurso vai servir de suporte para que ela se manifeste através dele, e vindo assim se materializar pela linguagem em forma de texto, ou podendo, também, ser em linguagem não-verbal.

2.4. FORMAÇÃO DISCURSIVA

Sobre a formação discursiva, em *Análise do Discurso: Princípios & Procedimentos*, a autora Orlandi (2009, p. 43) a define como “aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito”. Sobre a afirmação da autora, é possível dizer que a formação discursiva se define a partir de formações ideológicas. Portanto, é através dessas formações e com o convívio em uma relação sócio-histórica que vai permitir ao indivíduo saber o que dizer e o que não dizer.

Segundo a autora Guimarães (2009, p. 119) “As formações discursivas determinam o que se pode dizer; as formações ideológicas determinam o que se deve pensar”. Em um processo de enunciação, como a autora enfatiza bem, as

formações discursivas terão o papel de formular o que se pode dizer, enquanto que as formações ideológicas determinarão como o sujeito deve pensar. As duas formações, tanto discursiva quanto a ideológica, estarão juntas nesse processo que formará o discurso.

No processo de enunciação, os sentidos ideológicos (*FI*) se organizam em discursos (*FDs*). As *FDs* determinam o que vai ser dito e o que fica de fora (*processo discursivo*). Ao determinar as possibilidades do dizer, o sujeito 'escolhe' como textualizar, deixando as possibilidades que não cabem no discurso de fora (*objeto discursivo*) (SOUZA, 2014, p. 13).

Considerando a citação acima, que diz que quando um processo de enunciação é iniciado, os sentidos ideológicos se organizarão dentro do discurso, dessa forma, as *FDs* terão o papel de selecionar o que será dito e o que irá ficar de fora do processo discursivo, portanto, o sujeito terá a escolha de como textualizar o seu discurso, escolhendo de maneira adequada o que dizer.

Como a produção dos sentidos na linguagem é inconsciente, o sujeito não tem controle e nem ciência desse processo. O sujeito até esquece que o processo acontece. Mas o processo acontece e acontece assim: o sentido é produzido pela ideologia, a ideologia se organiza em discursos, os discursos determinam as palavras que serão ditas. Por esquecer do processo, o sujeito tem a ilusão de que o texto nasce no momento exato em que fala, quando, na verdade, os sentidos já existem bem antes no *interdiscurso* esperando para ser convocados na *FI* (SOUZA, 2014, p. 13 grifo do autor).

O autor acima citado diz que o sujeito não tem exatamente o controle do processo ao qual irá formular o que ele vai dizer, haja vista que a produção de sentido na linguagem é inconsciente, ou seja, o sujeito não tem consciência de que o processo de formação ocorre, mas mesmo assim, acontece, no qual a ideologia produz o sentido. A mesma se organiza no discurso e é aí que o sujeito vai ter a autoridade do que dizer, porque o processo discursivo vai possibilitar isso. Dessa forma, a ideologia trabalha na produção dos sentidos de um discurso, mesmo que o sujeito não tenha consciência que o que ele diz já é processado com o propósito de ser dito. Os sentidos já existem no inconsciente, só esperando para que eles sejam convocados.

Assim a autora Guimarães (2009, p. 118) ressalta que “O sentido discursivo se constrói, na verdade, no **interdiscurso**. Parte-se do que já foi dito, do que tem sido dito, dos sentidos postos, para podermos sustentar nossa comunicação”. A nossa comunicação parte de influências do que já foi dito, de discursos que entram

em contato com outros discursos, como Guimarães (2009, p. 118) reforça “o discurso encontra o discurso de outrem e estabelece com ele uma nova interação”. Ou seja, o autor nos explica que toda nossa formação discursiva parte de influências de outras relações que há entre discursos.

Nas palavras de Fernandes acerca da formação discursiva:

Podemos atestar que toda formação discursiva apresenta, em seu interior, a presença de diferentes discursos, ao que, na Análise do Discurso, denomina-se **interdiscurso**. Trata-se, conforme assinalamos, de uma **interdiscursividade** caracterizada pelo entrelaçamento de diferentes discursos, oriundos de diferentes momentos na história e de diferentes lugares sociais. (FERNANDES, 2013, p. 36)

Conforme o autor supracitado, a FD (Formação Discursiva) apresenta, no seu interior, vários outros discursos, como se fosse um conjunto de todos os discursos que o sujeito já guardou em sua memória discursiva. Seguindo a linha de raciocínio de Fernandes; Mالدیدier define o interdiscurso como: “o espaço discursivo e ideológico no qual se desdobram as formações discursivas em função de relações de dominação, subordinação, contradição” Mالدیدier (2003, p. 51).

Em seu livro *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos* a autora Orlandi (2009, p. 43) diz que: “As palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delineia na relação com outros: dizeres presentes de dizeres que se alojam na memória”. Dessa forma, seguindo o pensamento da autora, quando se trata da formação discursiva, as palavras sempre entrarão em contato com outras palavras, assim como os discursos sempre estarão em contato com outros discursos, formando vários outros, através de um processo de memória e adaptação.

Aproveitando esse raciocínio, Em *Semântica e Discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio*, Michel Pêcheux destaca que:

se uma mesma palavra, uma mesma expressão e uma mesma proposição podem receber sentidos diferentes – todos igualmente “evidentes” – conforme se refiram a esta ou aquela formação discursiva, é porque – vamos repetir – uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem *um* sentido que lhe seria “próprio”, vinculado a sua literalidade. Ao contrário, seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões ou proposições da mesma formação discursiva. De modo correlato, se se admite que as mesmas palavras, expressões e proposições mudam de sentido ao passar de uma formação discursiva a uma outra, é necessário também admitir que palavras, expressões e proposições *literalmente diferentes* podem, no interior de uma formação discursiva dada,

“ter o mesmo sentido” (...) (PÊCHEUX, 1995, p. 161 apud PREUSSLER & CAMARGO, 2012, p. 80 grifo do autor).

Segundo o autor supracitado, uma determinada palavra, expressão e até mesmo uma proposição, não têm um sentido próprio, não estão vinculadas à sua literalidade. Ou seja, essas mesmas sentenças tomarão sentidos diferentes a cada vez que forem formuladas discursivamente, pois a cada situação de enunciação, elas entrarão em contato com outros discursos, e criando um sentido diferente, dependendo do momento que serão usadas.

Os sentidos não estão assim predeterminados por propriedades da língua. Dependem de relações constituídas nas/pelas formações discursivas. No entanto, é preciso não pensar as formações discursivas como blocos homogêneos funcionando automaticamente. Elas são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e configurando-se continuamente em suas relações. (ORLANDI, 200, p. 44)

Conforme a autora Orlandi cita acima, os sentidos não estão exatamente predeterminados por propriedades da língua, mas sim, dependem das relações que há nas formações discursivas. Seguindo seu raciocínio, a mesma explica que não devemos pensar em formações discursivas como algo homogêneo, mas sim, ao contrário, pois elas são heterogêneas e configuram-se em relações uma com a outra, em outras palavras, elas se formam automaticamente a partir de outros discursos.

2.5 CONCEPÇÃO SOCIOINTERACIONISTA DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Durante muito tempo, tem se debatido a forma ideal de ser ensinada a Língua, compreendida como principal ferramenta de ensino. Desde então, era usada de forma isolada no texto, ou seja, ela era compreendida como orações isoladas, e não como um instrumento a ser usado de forma discursiva. De acordo com a autora Martins (2012, p. 06):

O texto, durante muito tempo, foi tido apenas como um produto de uniões: entre fonema e grafema que formavam letras, que combinadas formavam palavras, que atreladas, formavam textos (...). Com a substituição desse modelo linear por um modelo circular que traz a comunicação como um sistema interacional em que tanto o emissor do discurso quanto o receptor são sujeitos, modifica-se também o conceito de texto.

Conforme a autora afirma, o texto, por muito tempo, era visto como uma produção onde fonema e grafema formavam letras e que combinadas formavam palavras e textos, porém a chegada de um novo modelo, que trouxe a comunicação como foco de um sistema interacional, proporcionou uma nova visão sobre o texto, o qual já não era visto apenas como um sistema composto por elementos gramáticos, mas sim como um processo discursivo entre emissor e receptor que terão o papel respectivamente de sujeitos.

Sobre essa nova visão de interação que o texto toma como posse, Gonçalves (2004, p. 02 apud COSTA-HÜBES, 2009, p. 05) deixa claro que:

A interação tende a provocar mudanças tanto no sujeito quanto no destinatário, porque agimos sobre os outros e os outros sobre nós. A língua não se separa do indivíduo. Aprender a língua significa, a nosso ver, criar situações sociais idênticas às que vivenciamos no cotidiano. Em outros termos, o ato interlocutivo não deve se isolar das atividades cotidianas, visto que a linguagem não está dissociada de nossas ações e, portanto, aprender uma língua significa participar de situações concretas de comunicação.

O autor supracitado acima, em sua visão, deixa evidente que a interação pode provocar mudanças tanto no sujeito quanto no destinatário, pois na interação, tanto o emissor quanto receptor, tende a trocar informações, no qual cada um formulará seu discurso se baseando no do outro. O autor acrescenta que a língua não pode andar separada do indivíduo e ainda afirma que a linguagem não está

dissociada de nossas ações. Portanto, para aprender uma língua, é preciso participar de suas situações concretas de comunicação. É preciso estar em contato com demais indivíduos. Como afirma Bakhtin (2000, p. 123 apud COSTA-HÜBES, 2009, p. 07).

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

Dessa forma, conforme Bakhtin afirma, a língua não é constituída por um sistema abstrato lingüístico, nem monológico de enunciação e nem pelo seu ato de Psicofisiológico de sua produção, mas sim pelo fenômeno social da interação verbal, ou seja, essa interação se dá nas enunciações, e é através desse fenômeno que a língua tem a sua principal função na sociedade, a de interação, a de ligar as pessoas.

Com todas essas teorias e definições sobre a função da língua e o seu uso como forma de ensino, fica evidente que o seu uso, como forma isolada em um texto e não como forma de interação verbal, proporcionará uma deficiência no aluno. Sendo assim “não basta mais ensinar palavras e frases isoladas, desconsiderando sua situação de uso. É preciso reconhecê-las como parte integrante de um todo, como peça fundamental de enunciado(s) produzido(s) em função de uma necessidade de dizer/escrever” Costa-Hübes (2011, p. 12).

Conforme a autora explica, não basta insistir naquela tentativa de ensinar palavras e frases isoladas dentro de um texto, deixando de lado a sua situação de comunicação, mas é preciso reconhecer como uma parte integrante que compõe um todo. Essa forma de valorizar o processo de formação de um texto, de focar no estudo no qual o texto se forma, traz ao ensino uma melhor forma de ensinar o aluno sobre os processos que formam o texto. Assim novamente afirma a autora Costa-Hübes (2011, p. 13).

Ensinar o aluno a interagir por meio da língua é ensinar o aluno a produzir textos, orais e escritos, que atendam à necessidade de interlocução proposta naquela situação de uso da linguagem. Mas significa, também, ensinar o aluno a buscar referências em textos do gênero que já se encontram prontos na sociedade, reconhecendo sua funcionalidade, as marcas que os constituem, bem como sua estrutura composicional.

Dessa forma, a língua é o meio pelo qual o aluno aprenderá a desenvolver um texto, seja ele, oral ou escrito, compreendendo a necessidade de interlocução que é proposta na situação da linguagem. A autora ainda frisa que essa proposta de ensino, proporcionará ao aluno buscar produzir os seus textos tendo referência a outros textos do mesmo gênero. Sobre essa explicação, Paraná (BAKHTIN, 1999, *apud* PARANÁ, 2008, p. 17) diz que:

Texto, então, envolve não apenas a formalização do discurso oral ou escrito, mas o evento que abrange o antes, isto é, as condições de produção e elaboração; e o depois, ou seja, a leitura ou a resposta ativa. Todo texto é, assim, articulação de discursos, vozes que se materializam, ato humano, é linguagem em uso efetivo. O texto ocorre em interação e, por isso mesmo, não é compreendido apenas em seus limites formais.

Em relação ao processo pelo o qual o texto passa, o autor explica que o texto não passa apenas pela formalização do discurso oral ou escrito, mas, sim, pelo que vem antes dessas etapas de sua construção, ou seja, o texto é produzido, antes de tudo, por uma série de condições de produção. Em outras palavras, ele se formará de acordo com a necessidade de produção. O texto se articula através de discursos, que por sua vez é formado por várias vozes que se articulam uma com a outra no ato da interação social. O ser humano faz uso da língua para se comunicar e interagir e assim formular os seus discursos, e é por isso que o texto não pode ser compreendido apenas pelos seus limites formais como frisa o autor.

2.6 O GÊNERO TEXTUAL LETRAS DE MÚSICA

Primeiramente, pra falarmos do Gênero textual Letra de Música, precisamos entender o que é um gênero textual, e sobre essa procura por uma definição, Meurer (2000, p. 150 *apud* CARVALHO, 2009, p. 02) diz que “os gêneros textuais constituem textos de ordem tão variada quanto anúncios, convites, atas, [...] cartas, comédias, contos de fada, [...] letras de música entre muitos outros”. Dessa forma, os gêneros textuais constituem textos em suas mais variadas ordens e formas, sejam cartas, comédias, letras de músicas, ou seja, todo tipo de ordem que possa circular uma forma de mensagem. O importante, da existência dos gêneros, é a sua capacidade de se adaptar a situação e a mensagem que precisa ser divulgada socialmente, no momento em que é mais necessária.

Os gêneros são tão diversos quanto permite a esfera da atividade humana em que se produz a linguagem. Assim, cada esfera elabora seus gêneros, de acordo com aspectos sociais próprios, finalidades comunicativas e especificidades das situações de interação em que os enunciados estão sendo produzidos (ARCOVERDE, 2007, p. 02).

Segundo a autora supracitada, os gêneros são diversos, variando sobre várias esferas de atividade humana que possa ser produzido com a linguagem. Dessa forma, cada esfera produz o seu gênero, levando em conta aspectos sociais, qual a finalidade comunicativa a ser atingida e as especificidades das situações. Segundo Silva (2011, p. 03) “Os gêneros textuais exercem uma função social abrangente no ato da comunicação, são formulados com características próprias, de acordo com a necessidade de uso e no ambiente propício que lhe permite significar-se como gênero do discurso”. Assim, Silva afirma:

Não é possível definir uma quantidade exata de gêneros textuais, uma vez que eles possuem características próprias e estão ligados às diversas maneiras de comunicação. Assim como a língua está sempre em movimento, possibilitando alterações linguísticas constantemente em decorrência do fator “tempo” e “massa falante”, os gêneros textuais também vão surgindo, de acordo com a necessidade de comunicação social, bem como gêneros já existentes podem cair em desuso com o passar do tempo (SILVA, 2011, p. 04).

Sobre as palavras do autor acima citado, não tem como definir, exatamente, a quantidade de Gêneros Textuais, haja vista que, primeiramente, eles possuem características próprias e estão ligadas a diversas maneiras de se comunicar, e também pelo fato de a Língua está em constante mudança. Os gêneros, assim como a língua, estão em constante processo de mudança e se formando de acordo com a necessidade de comunicação social. Os gêneros surgem em suas mais variadas necessidades de uso, e quando essas necessidades de se manifestar surgem em meio à sociedade, os gêneros são criados para poderem supri-las. Em outras palavras, é de extrema dificuldade enumerar uma quantidade exata de gêneros que existem. Assim, Arcoverde frisa que “Quando vamos produzir qualquer escrita, selecionamos um gênero para formatar nossos enunciados. Não escrevemos aleatoriamente. Produzimos gêneros textuais ou discursivos, de acordo com finalidades específicas” Arcoverde (2007, p. 08). Em geral, escrever algo exerce uma finalidade, até porque não escrevemos algo aleatoriamente, selecionamos tudo o que vamos escrever, e os Gêneros Textuais possibilitam essa capacidade de manifestar determinado conteúdo comunicativo, com suas próprias características, o

que os classificam como um excelente meio pelo qual a língua se manifesta estruturalmente.

Na letra de música, há numa predominância às palavras de uso cotidiano, existência de uma maior liberdade em relação às regras normativas da sintaxe, permissão de repetições e quebra de frases, palavras, sílabas e sons sem intencionalidade a não ser as sujeições impostas pela melodia e ritmo. Também pode ser observada pouca coerência, no entanto suprida pela melodia (COSTA, 2003 apud DOS SANTOS; LIMA; DA SILVA 2015, p. 07).

De acordo com os autores supracitados, a letra de música, assim como qualquer outro texto, possui fatores únicos de textualidade que só um gênero textual possui, trazendo em si palavras de uso cotidiano, com uma liberdade maior no uso de regras normativas que um texto possui, mas não deixando de ter uma estrutura correta. Seguindo o raciocínio da qualidade do gênero Letra de Música, é importante evidenciar que ela apresenta certa coesão, coerência, intencionalidade, aceitabilidade e informatividade, ou seja, características fundamentais desse gênero que proporcionará ao leitor um entendimento, tornando-a uma excelente ferramenta para ser usada em sala de aula, proporcionando também a interação entre os alunos; e traz em sua estrutura características próprias que a validam como um gênero.

Além desses elementos, é preciso também levar em consideração a sua formação discursiva, pois como todo texto, ela possui discursos e que são formados por ideologias, tudo isso em conjunto irá construir o seu sentido. Todos esses elementos que estruturam seu texto transforma esse gênero em um ótimo recurso de ensino, pois torna um ótimo texto para análise discursiva.

Ainda sobre esse gênero, “a linguagem na Letra de Música é subjetiva”, dos Santos; Lima; da Silva (2015, p. 08). Esta característica proporciona ao leitor interagir de maneira reflexiva sobre os vários temas que ela aborda, sobre problemáticas que abordam a vida social, o cotidiano, levando ao seu leitor interagir, e, além disso, traz em sua formação um propósito a cumprir, seja ele, emocionar, criticar, expor algum fato que esteja ocorrendo no momento. Com todos esses fatores, dentre muitos outros que a envolve, torna-se claro a necessidade de ser trabalhada em sala de aula, ainda mais porque ela apresenta um diálogo entre emissor e receptor, o que, positivamente, causa uma interação entre os mesmos, promovendo um maior aprendizado.

2.7 RENATO RUSSO: TRAÇOS DE UMA VIDA EM PROL DA ARTE

Renato Manfredini Jr, mais conhecido como Renato Russo, foi um dos maiores compositores e o vocalista da eterna banda Legião Urbana, que emplacou grandes sucessos nas rádios por todo o Brasil. Dapieve (2000, p. 25). Sua personalidade forte, o sucesso, seus relacionamentos, seus problemas com álcool e drogas (o que gerou uma internação em uma clínica de reabilitação em 1993), o perseguiram por toda a sua vida conturbada.



Figura 1 - Renato Russo

Fonte: <http://www.novidadesgratis.com.br/renato-russo-fotos-2016>

Para início de conversa, Renato Russo nasceu no dia 27 de março de 1960, na cidade do Rio de Janeiro. Filho do economista do Banco do Brasil, Renato Manfredini e da professora de inglês, Maria do Carmo. Ele morou em muitas cidades, como: “Rio de Janeiro – Curitiba – Nova Iorque – Rio – Brasília – Rio” Lichote (2015, p. 98). Foram todas estas as cidades as quais ele morou durante a sua vida. “Eu tinha morado nos estados Unidos, entre 67 e 69” Assad (2000, p. 173). Esse fato contribuiu para a aquisição de uma nova Língua: a Inglesa.

Renato era muito estudioso, tirava boas notas e gostava muito de ler, como podemos comprovar em seu relato no livro *Renato Russo só por hoje e para sempre* no qual ele diz que: “criei um círculo vicioso de ler e procurar ler sobre coisas que me deprimissem ainda mais (embora antes de tudo isso já lesse Rimbaud, Plath, Tragédias de Shakespeare e filósofos ‘pessimistas’ como Nietzsche e Kierkegaard)” Lichote (2015, p. 27). Fica claro o tipo de leitura da qual ele gostava, o que serviu

para formar seu caráter, pois os nomes citados acima foram figuras importantes, tanto na cultura literária quanto na filosofia. Renato, ao longo da sua adolescência, vivenciou várias mudanças culturais que marcaram o Brasil, desde a influência musical do 'Rock', até a implantação e término da censura, o que influenciou consideravelmente o seu modo de se expressar em relação ao seu estilo artístico e social de jovem - que foi bem característico de sua parte. Em sua dissertação *As Letras de Canção de Renato Russo e seu Diálogo com a Poesia dos Anos 80*. A autora Capacchi (2003, p. 38 grifo do autor) menciona que:

a história de Renato Russo está permeada pela história do Brasil das décadas de 70 e 80, pela história do *rock*, dos *Beatles* a Bob Dylan, passando ainda pelo *punk* inglês e pelo *rock* progressivo; está permeada, principalmente, pela história de uma nova geração que agiu, não esperou de braços cruzados pelo futuro, e que muito contribuiu para consolidar a dos anos 80.

De acordo com o que a autora diz, Renato, em sua adolescência, viveu histórias que marcaram o Brasil, principalmente nas décadas de 70 e 80, onde o rock estava em alta, com referências como os Beatles a Bob Dylan, passando para o movimento punk que influenciou muitos jovens aqui pelo Brasil.

Aos dezoito anos, como a maioria dos jovens de classe média urbana, presta o exame vestibular e entra para a Faculdade de Comunicação da UNB - Universidade de Brasília - e, por intermédio de um professor universitário, conhece as músicas do grupo punk inglês *Sex Pistols*. Nesse mesmo ano, conhece André Pretorius e Felipe Lemos, com os quais monta sua primeira banda: o *Aborto Elétrico* (CAPACCHI, 2003, p. 39).

Conforme a autora diz, Renato, quando completou dezoito anos, conheceu o grupo de punk inglês Sex Pistols. Apresentado pelo seu professor da universidade, Renato passa a ouvir bastante e que futuramente o influenciaria a formar a sua primeira banda: o *Aborto Elétrico* - cujos integrantes eram Petorius e Felipe Lemos. No livro *Renato Russo de A a Z*, Renato diz como conheceu Petorius: “eu estava na taberna e veio descendo um punk com a namorada dele, um sid Vicious loiro: era o André Petorius. Eu cheguei para ele e a primeira coisa que eu falei foi: ‘Você gosta do sex Pistols?’. E ele ‘Sex Pistols! Yeah! Jóia!’” Assad (2000, p. 19). Em 1978, é formado o Aborto Elétrico, com Renato, Felipe Lemos e Petorius. A origem do nome é explicada no livro *Renato Russo – O trovador Solitário*:

Para a escolha do nome, existem, como em tantas outras coisas envolvendo Renato Manfredini Jr, duas versões. Segundo o próprio Renato, Aborto Elétrico era uma referência a um cassete usado pela polícia do Distrito Federal, que, posto em ação para dissolver uma manifestação em 1968, induzira uma jovem grávida ao aborto. Segundo Fê, o nome nascera de um brainstorm em torno do nome de uma banda americana, Electric Flag (DAPIEVE, 2000, p. 40).

Desde então, inicia a carreira da mais nova banda formada, fazendo muito barulho ao estilo punk, um som pesado com poucas notas de guitarra. A banda fazia a cabeça dos jovens com suas letras, mas depois de quatro anos de apresentações, em 1982, a banda chega ao fim, devido à ausência de Petorius que foi servir o exercito de seu país, e também devido às discursões com Renato e Felipe. “Eu briguei com Fê [*do Aborto Elétrico*] por causa da música *Química*. Nessa época [1982]” Assad (2000, p. 255).

Com o fim do Aborto Elétrico, Renato passa a fazer apresentações solo, e, nesse tempo, fica conhecido como o Trovador Solitário. “Como Trovador Solitário (...). ele pôde afiar sua pena. Não que as letras do Aborto Elétrico fossem ruins, não mesmo. Mas o período de recolhimento acústico levava inevitavelmente a um salto de qualidade” Dapieve (2000, p. 54).

Logo depois de um tempo cantando como Trovador Solitário, mais exatamente no ano de 1982, Renato já não aguentava a vida de músico solitário, e decide montar uma banda. “Renato Russo formou a Legião Urbana com Marcelo Bonfá, Eduardo Paraná e Paulo Paulista. Um ano depois, Paraná e Paulista deixavam a banda e entrava Dado Villa-Lobos” Borges de Paula; Molina (2010, p. 03). Com a saída de Eduardo Paraná e Paulo Paulista, Dado entra na banda, mas ele não sabia tocar guitarra, como afirma Renato, em seu livro *Renato Russo de A a Z*:

O dado estava tocando com o Dado e o Reino Animal, mas ele não sabia tocar guitarra direito. Não sabia mesmo. Ele teve de aprender a tocar guitarra para tocar com a legião. Em duas semanas, ele aprendeu a tocar nove músicas. No primeiro show, a gente tocou *Ainda é cedo*, e ele praticamente nunca tinha visto uma guitarra. A gente ficava: ‘Faz barulhinho’. Daí é que saiu o solo. Até se tornar uma coisa completamente zen e espetacular, como pode ser ouvido em *Música para Acampamentos*. O solo dele naquela gravação ao vivo é fabuloso (ASSAD, 2000, p. 68 grifo do autor).

Renato era uma pessoa que gostava de beber e usar drogas, e por volta de 1984, um pouco antes de gravar o primeiro disco da banda, ele sobe bêbado em

uma apresentação, como ele mesmo comenta no livro *Renato Russo só por hoje e para sempre* “Por volta de 1984, antes de lançarmos nosso primeiro disco, estávamos em São Paulo para uma apresentação no Clube ‘Rose Bom Bom’, e subi bêbado ao palco, o que atrapalhou minha dicção e deixou os outros membros da banda muito chateados” Lichote (2015, p. 21). Renato em seus shows consumia álcool e até drogas, o que fazia com que suas apresentações não saíssem de uma forma tão boa para os fãs.

No ano de 1984, Renato é internado no Hospital, devido à tentativa de suicídio ao cortar os pulsos; em virtude disso, Marcelo Bonfá convida Negrete para tocar baixo, devido à dificuldade que Renato tinha, pois o mesmo já não conseguia tocar o baixo, assim como relata Dapieve (2000, p. 65) “Ele havia perdido alguns movimentos das mãos, ficando impedido de tocar baixo durante algum tempo. Marcelo então convidou o baixista Renato Rocha, também conhecido como *Billy e Negrete*”. Mas Negrete viria a sair da banda anos depois por discussões com Renato e falta de comprometimento com a banda.

A banda lança seu primeiro disco, denominado ‘Legião Urbana’ no ano de 1985. “O primeiro, ‘Legião Urbana’, superou as expectativas da gravadora, que era de cerca de cinco mil cópias” Capacchi (2003, p. 40). O disco fez tanto sucesso, que quebrou todas as expectativas da gravadora. Trazia em seu repertório temas sobre as discussões políticas e “o disco trazia, ainda, canções sobre o amor e algumas dicções de um sujeito apaixonado, a anulação do objeto amado em relação ao sujeito (Será)” Capacchi (2003, p. 41).

O segundo disco da banda intitulado ‘Dois’ é lançado em julho 1986, com um estilo de fazer música diferente da que a banda tinha adotado no primeiro disco. De acordo com Assad (2000, p. 80): “Neste disco, ao invés de falar mal das pessoas que poluem os mares ou das guerras, a gente prefere falar do universal, da experiência individual de cada um. Todo mundo respira, todo mundo sonha”. Segundo as palavras do próprio Renato em 1986, o disco era para as pessoas, sobre a importância de cada um no mundo. Com faixas que falam do amor, conflitos de um eu apaixonado, sofredor, esperançoso a ponto de não desistir de seus sonhos. Tudo isso se confirmava no conteúdo das letras.

No ano de 1987, é lançado o terceiro disco da banda, com o nome ‘Que País é Este’, nele, estava incluso músicas que eram repertório do Aborto Elétrico, como a ‘Que País é Este’ e ‘Faroeste Caboclo’, que Renato compôs no tempo de Trovador

Solitário, músicas que pareciam inéditas para o público que curti a banda, mas era, na verdade, canções compostas antes da banda ser criada. Como diz Renato no ano de 1988:

Na verdade, estávamos gravando outro disco, que seria o terceiro, mas resolvemos parar porque, intuitivamente, sentimos que aquele disco não era para o momento. Eu também não estava muito a fim de escrever letras. Então, como já estávamos no estúdio, com tudo ligado e produtor em cima, pintou a idéia de gravar as músicas antigas, pegando mais duas composições para que o trabalho viesse até 1987. Ficou legal (ASSAD, 200, p. 210 apud CAPACCHI, 2003, p. 42).

E assim o disco foi montado com apenas duas músicas inéditas e outras que foram do repertório da antiga banda de Renato – O aborto elétrico. Como fora visto, Renato não se sentia à vontade para escrever novas canções, mas como o produtor da banda queria as músicas, o grupo decidiu pegar as músicas que eram do Aborto Elétrico.

O quarto disco da banda, é gravado no ano de 1989 com o nome de ‘As Quatro Estações’, nesse disco, está gravado as músicas de maiores sucessos da banda, como a de destaque ‘Pais e Filhos’, que caiu na boca dos fãs. É também nesse disco que Renato fala pela primeira vez de sua homossexualidade. Como ele mesmo, em 1990, menciona:

Em menino e meninas, é a primeira vez que falo, claramente, que gosto de meninos e meninas. Também não sei o que vai dar, porque começo a falar de santo, no meio da música, e vai embolar tudo. E o amor ao próximo? Jesus gostava de meninos e meninas. Não sei se sexualmente, porque, naturalmente, ele era um ser evolucionário. Ele era um ser totalmente espiritual (ASSAD, 2000, p. 168).

Mas no ano de 1990, ocorre uma reviravolta na carreira da banda. De acordo com Borges de Paula; Molina (2010, p. 4): “Renato Russo assume publicamente ser homossexual e descobre ser portador do vírus da AIDS. Renato também conhece a maior paixão de sua vida, o americano Scott, que lhe vicia em heroína”. Renato se vicia em heroína, mas em 91, mesmo com tantos problemas que invadiam a sua cabeça, a banda lança seu quinto disco intitulado ‘V’. E Renato diz “A gravação do quinto álbum da Legião Urbana, entre julho e novembro de 1991, foi tensa e difícil. (...). Foi o parto mais difícil – e o V é meu disco favorito” Lichote (2015, p. 126). O disco trazia todas as mudanças na vida de Renato, falava sobre drogas, tudo que

ele vivia no momento de sua vida, e uma das músicas em destaque era ‘Metal contra as nuvens’.

Em 1993, Renato havia chegado ao fundo do poço, alto consumo de álcool e drogas, o fizeram se internar em uma clínica de reabilitação, onde ficou de Abril a Maio. “Do fundo-do-poço (março 93) cheguei à Vila Serena. Agora estou decidido a parar com tudo, é minha única salvação, e isso ainda me deixa confuso e apreensivo, pois vou ter que reformular a minha vida” Lichote (2015, p. 70). Nesse período, Renato recebeu um diário no qual escrevia, todos os dias, o que ele pensava da vida, todos os seus momentos, da banda, das drogas e o consumo de álcool.

Depois de um período de Reabilitação, Renato sai da Clínica. De acordo com Dapieve (2000, p. 140) “De 1993 a 1996, gravaria o bastante para preencher seis belos discos: com a Legião, *O descobrimento do Brasil*, *A tempestade* e o póstumo *Uma outra estação*, solo, *The Stonewall celebration concert*, *Equilíbrio distante* e o póstumo *O último solo*”. O disco descobrimento do Brasil, gravado em 1993, trazia Giz e Perfeição como músicas de destaque. E nesse período de três anos, Renato lança seus discos solos.

“Na manhã de 11 de outubro de 1996, eu estive entre as centenas de jornalistas mobilizados em todo o país para a cobertura da morte de Renato Russo”, Disse Dapieve (2000, p. 170). E assim morre um dos mais famosos ícones do Rock brasileiro: poeta, letrista e vocalista da Legião Urbana, Renato Manfredini Junior, devido às complicações geradas pela doença da AIDS, deixando milhões de fãs inconsoláveis por sua perda.

2.8 A RELAÇÃO LEGIÃO URBANA E A INSPIRAÇÃO PARA A JUVENTUDE

A banda Legião Urbana foi uma das maiores no cenário do rock nacional nos anos 80 e 90. Fundada de início por Renato, Marcelo Bonfá, e, posteriormente, por Dado Villa-lobos. Trazia em seu repertório canções que falava de amor, esperança, sofrimento, política, e que, até hoje, são bem comentados pela mídia, deixando assim um legado que ainda é lembrado por milhares de fãs pelo Brasil inteiro.

Assim como toda banda que deixou uma história de sucesso, Legião Urbana permanece nos corações daqueles jovens que puderam viver o auge da banda e, também, os de hoje, que contribuíram como os principais disseminadores dessa

paixão musical eterna. “Pode-se dizer que a década de oitenta trouxe consequências para o comportamento de diversas décadas. Aqueles que viveram esse período, até hoje carregam a bagagem do rock, a atitude de rebeldia e o questionamento emocional e social” Paes (2013, p. 10). Um laço que se construiu na medida em que os jovens se identificavam com a letra musical composta pela banda. Pois o nome já dizia muita coisa: Uma Legião Urbana, Jovens urbanos que viviam e lutavam por seus interesses.

É difícil não ouvir Legião Urbana e não se emocionar, pois cada música traz um tema que se identifica com algum momento da vida. A maneira como a letra é abordada, faz com que a vida de alguém seja entrelaçada com a questão tratada nela. A juventude vê nas músicas da Legião Urbana uma forma de afinidade, os jovens se identificam com o conteúdo que é abordado; a banda mesmo dizia que escrevia de acordo com momento em que eles (os integrantes) estavam passando, e isso fazia com que a canção prendesse a atenção e conseguisse extrair a essência dos sentimentos.

O sucesso da música jovem dos anos 80 sobreviveu na nostalgia dos adultos que curtiram aquela época ou na curiosidade dos jovens que não a vivenciaram. Mas, o principal mérito daquelas canções, comprovada pelas regravações de músicas e redescoberta de artistas dos anos 80, é que tanto o pop-rock nacional como o internacional produziu um repertório de canções que continuaram a se identificar com o sentimento das gerações que vieram a seguir (ANAZ, 2007, p. 2 apud PAES, 2013, p. 10).

Os álbuns da banda, cada um, trazia uma nova abordagem sobre o momento no qual era produzido. O mais maravilhoso de ouvir Legião Urbana é que independente do tempo em que as canções foram escritas e lançadas, elas nunca saíram de moda, e não é a toa que até hoje, essas canções se fazem presente entre os jovens, que nasceram após o término da banda.

Renato Russo era um poeta de mão cheia, e conseguiu transmitir em suas letras um sentimento forte, que inspirou milhões de jovens. A forma como ele trabalhava a letra, a mensagem de esperança, de amor, de superação, suas atitudes fizeram com que a juventude se identificasse logo de cara com a banda. Muitos jovens tiveram suas vidas mudadas após conhecer a banda, pois as letras os fazem refletir sobre a vida, seja ela política, emocional ou esperançosa. É uma filosofia de vida ouvir Legião Urbana. Esse laço criado entre a banda e a juventude também é muito por causa do momento em que os jovens estão vivendo, eles sentem a

necessidade de algo, e as letras é esse algo que eles precisam, muitas vezes. É uma forma de refletir sobre a vida.



Figura 2 - Fãs amapaenses celebram Tributo a Legião Urbana por dois dias.
Fonte: http://www.amapadigital.net/concursos_amapa_view.php?ID=6525

A imagem acima é de integrantes de um fã clube que estão homenageando a banda - fãs amapaenses -, o que comprova que não só em Brasília, onde foi criada a banda, mas em todo o Brasil há fãs de Legião Urbana e que carregam por onde quer que vá a ideia musical que o grupo construiu ao longo de sua carreira. Mesmo depois do término de suas atividades em 1996, devido à morte de Renato Russo, a banda ainda é lembrada por muitos jovens, de antes e de hoje, porque ela transmitia um clima bom em suas músicas. A juventude se identifica muito com a ideologia que o grupo musical passava em suas músicas.

É difícil falar em Rock Nacional e não mencionar Legião Urbana como uma das maiores bandas nacionais, porque a banda, realmente, conseguiu alcançar um patamar altíssimo e que hoje, em virtude de seu grande sucesso, é passado de geração para geração por pais que foram jovens nas décadas de 80 e 90 e que hoje passam esse gosto musical aos seus filhos, incentivando-os a gostar de um rock que fala de amor, ou seja, da vida.

Atualmente, a juventude carrega em sua forma de pensar, ideologias que estão presentes nas letras da banda. Jovens que foram inspirados a terem uma atitude diante da vida, a ver o mundo, a sociedade, a força de vencer, de lutar contra um mal: O medo.

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

3.1 TIPO DE PESQUISA

A pesquisa possibilita uma aproximação e um entendimento da realidade a investigar. Ela se processa através de aproximações sucessivas da realidade, fornecendo subsídios para uma intervenção no real. Fonseca (2002 apud Gerhardt e Silveira, 2009, p. 36). De acordo com o autor, a pesquisa científica é o resultado de um exame minucioso, que por sua vez é realizado com o objetivo de resolver um problema.

Dessa forma, o estudo foi realizado a partir de uma pesquisa bibliográfica e de fontes secundárias (artigos, documentos monográficos, sites confiáveis), sendo esta desenvolvida a partir de material já elaborado relacionado ao tema em estudo que teve como base fundamental conduzir o leitor a determinado assunto e utilização das informações coletadas para o desempenho da presente pesquisa.

Pesquisa **bibliográfica** é o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral. Fornece instrumental analítico para qualquer outro tipo de pesquisa, mas também pode esgotar-se em si mesma. O material publicado pode ser fonte primária ou secundária (MORESI, 2003, p. 08. Grifo do autor).

Conforme o autor supracitado, uma pesquisa bibliográfica se realiza através de todo um estudo sistematizando, em que o material publicado em livros, revistas, jornais ou redes eletrônicas estará servindo como suporte de estudo para a elaboração de uma pesquisa. O autor ainda frisa que esse material de estudo pode ser de fonte primária ou secundária, ou seja, a primeira sendo de livros, e a segunda, de meios eletrônicos.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32 apud GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 37).

A partir dos livros e artigos encontrados em bibliotecas e sites confiáveis foi realizada uma análise e interpretação do material bibliográfico permitindo a seleção de conteúdos pertinentes ao objetivo do trabalho, de autoras e autores renomados, como: Orlandi (2009), Souza (2014), Depieue (2000) etc.

O assunto pesquisado se baseia na Análise do Discurso e toda sua formação, sujeito e ideologia a fim de analisar letras da banda Legião Urbana e compreender a ideologia por trás do texto. As letras aqui analisadas foram escolhidas em virtude de cada uma abordar um tema que carrega uma característica propícia para sua análise, haja vista que seu conteúdo gira em torno de um momento sócio-histórico em que as mesmas foram escritas pela banda.

O procedimento metodológico utilizado para fazer as análises das letras musicais é o mesmo usado pelo autor Sérgio Freire no seu livro “Análise do Discurso: procedimentos metodológicos” e Orlandi (Análise de Discurso – Princípios e Procedimentos). Esse procedimento, no qual vai procurar analisar o discurso, englobam quatro etapas, entre elas: Objeto Discursivo, Processo Discursivo, Formações Discursivas e as Formações Ideológicas.

O Objeto Discursivo é o produto pelo qual o analista vai trabalhar para procurar entender como o discurso produz sentido. A ideologia faz com que o sujeito, no processo discursivo, esqueça que era um sujeito ideológico e que também havia várias outras oportunidades de dizer. “Identificar o que foi esquecido é função do analista e quando ele o faz diz-se que está trabalhando com o objeto discursivo” Souza (2014, p. 13).

Quando as formações ideológicas se manifestam nas formações discursivas, as formações ideológicas irão determinar os sentidos que serão possíveis e o que não são. Esse processo será denominado de Processo Discursivo, pois alguns sentidos serão simplesmente descartados do processo de enunciação. Souza (2014, p. 13).

A Formação Discursiva é mais uma etapa do processo de enunciação. Segundo Souza (2014, p. 12) “As FDs são manifestações das FIs no discurso em uma situação de enunciação específica”. Dessa forma, como afirma o autor, as FIs formam as FDs, e nesse processo, as Formações Discursivas permitirão ao sujeito regular o que pode e o que não pode ser dito.

A Formação ideológica de acordo com Souza (2014, p. 12) “é um conjunto complexo de atitudes e de representações que se relacionam às posições no mundo

em conflito umas com as outras”. Em outras palavras, são ideias que se manifestam em meio à sociedade, em que ditam o que pensar e o que não se deve pensar.

O papel principal do analista é explicitar de onde vêm os sentidos produzidos. Esse processo de identificar os sentidos requer um procedimento que consiste nas etapas ditas mais acima. Todo discurso surge de um processo que passa por essas quatro etapas. Primeiramente, as formações ideológicas se manifestam nas formações discursivas, nesse processo, as formações ideológicas determinaram quais os sentidos possíveis e os que não são. Esse processo de seleção fica conhecido como Processo Discursivo. Por sua vez, a formação discursiva permitirá ao sujeito dizer o que pode e o que não pode ser dito, deixando de fora outras formas de dizer, que no caso será chamado de Objeto discursivo. Após ter escolhido o que dizer, o sujeito enuncia. Ao enunciar, o texto produzido se torna a *superfície linguística* do discurso. Souza (2014, p. 13). É dessa forma que o discurso se constrói.

As propostas metodológicas foram organizadas de modo a suprir a necessidade interpretativa do gênero textual Letra de Música. Em outras palavras, as várias possibilidades estarão relacionadas à parte interpretativa da letra de música, mas sendo abordadas de diferentes formas. Em virtude disso, é de extrema importância reconhecer que cada possibilidade estará focando o seu contexto sócio-histórico.

Serão trabalhadas as letras de músicas sobre várias possibilidades, que incluem as seguintes: Leitura, Interpretação, Seminários, Produção textual, Teatro e a Entrevista. Todas estas possibilidades serão trabalhadas o seu lado interpretativo, levando em conta o conteúdo sócio-histórico. Todas elas servirão como uma forma diferente de trabalhar o conteúdo nas aulas de Língua Portuguesa.

Primeiramente, cada proposta inicia com a conceituação de cada possibilidade, e é feito um apanhado da característica de cada uma, e logo depois é feito o desenvolvimento da proposta, de como o professor deve apresentá-la aos alunos, de forma que eles venham a desenvolver seu lado interpretativo e criativo, mediante a letra da música e a possibilidade de ser abordada.

3.2 COLETA DE DADOS

Para fazer a Análise discursiva, foram escolhidas cinco letras musicais da banda Legião Urbana, são elas: **Daniel na Toca dos Leões** que pertence ao Álbum “Dois” de 1986; **Giz** que pertence ao Álbum “O Descobrimento do Brasil” do ano de 1993; **Pais e Filhos** do Álbum “As Quatro Estações” do ano de 1989; **Que País é Este** do Álbum “Que País é Este” de 1987, e por fim, **Tempo Perdido** que pertence ao Álbum “Dois” de 1986.

Daniel na Toca dos Leões é a primeira faixa do Álbum “Dois” de 1986, que tem no total de doze músicas. Daniel na Toca dos Leões foi escrita por Renato Russo, e é umas das primeiras músicas que ele fala sobre a sua homossexualidade, mesmo que de forma ainda discreta. Apesar de ter como título uma Passagem Bíblica, a letra faz menção ao ato sexual; embora, muitas pessoas a interpretem de outra forma, até mesmo pelo fato de ter como título uma passagem bíblica.

Giz é a décima primeira faixa do Álbum “O descobrimento do Brasil” de 1993. Essa música é, de acordo com as próprias palavras do Renato, a canção preferida, pois retrata tempos em que ele viveu a sua infância e pôde desfrutar de momentos incríveis. A letra relata experiências que Renato viveu na infância e que, quando adulto, o faz lembrar que boa parte do que ele é agora pertenceu a esses bons momentos que outrora viveu.

Pais e Filhos é a segunda faixa do Álbum “As Quatro Estações” de 1989, que tem no total de onze faixas. A música foi escrita por Renato Russo no ano de 1989, mesmo ano em que se tornara pai de Giuliano Manfredini. A música trata de um suicídio, mas acima de tudo, na relação que há entre os pais e filhos. Os problemas que os filhos e os pais enfrentam em suas relações. Renato certa vez argumentou em uma apresentação da banda, em um programa de tv, que essa música o desgasta muito, pois a letra é muito pesada, pois fala de suicídio de uma garota e que ela nunca verá mais o amanhã. Essa letra traz muito mais que meras palavras, ela traz uma lição de vida.

Que País é Este é a primeira faixa do Álbum “Que País é Este” de 1978/1987, que tem no total de nove faixas. A música foi escrita no ano de 1978, ano em que Renato Russo ainda fazia parte da banda Aborto Elétrico, e foi gravada no Álbum “Que País é Este” de 1987. A letra foi escrita na época em que o Brasil vivia transformações em seu lado político. Em seu contexto, o autor realiza uma crítica aos poderosos da política brasileira, ou melhor, é uma crítica à ordem pública,

que na verdade não é uma ordem e sim uma desordem, pois de certo modo, a constituição da nação não é respeitada.

Tempo perdido é a sexta faixa do Álbum “Dois” de 1986, que tem no total de doze músicas. Tempo perdido é mais uma música que Renato escreveu, onde retrata a juventude que, muitas vezes, perde tempo demais com coisas que vivencia em suas experiências da vida, mas que ainda há muito tempo pra viver, pois ainda são jovens.

4. RESULTADO E ANÁLISE DOS DADOS

4.1 ANÁLISE DAS MÚSICAS

O resultado e análise dos dados só foram possíveis através de uma análise que se baseia nos estudos de autores renomados sobre o assunto, uma vez que a letras escolhidas retratam um determinado momento ao qual foram escritas, momento esse que podem ser vistos nas análises a seguir.

Daniel na Toca dos Leões

*Aquele gosto amargo do teu corpo
Ficou na minha boca por mais tempo
De amargo então salgado ficou doce,
Assim que o teu cheiro forte e lento
Fez casa nos meus braços e ainda leve
Forte, cego e tenso fez saber
Que ainda era muito e muito pouco.*

Trecho da música *Daniel na Cova dos Leões* –
Renato Russo/ Legião Urbana
Fonte: <https://www.letras.mus.br/legiao-urbana>.

Primeiramente, deve-se, procurar entender o porquê do título ser “Daniel na Cova dos Leões”. Observa-se uma formação discursiva religiosa em que o título faz referência a uma passagem bíblica, presente no livro de Daniel, capítulo 6, versículos de 1 a 29 (Daniel 6:1-29), que conta a história de Daniel, um judeu conselheiro do rei da Babilônia. Daniel era muito fiel a Deus, e por essa devoção, Deus concedeu-lhe o dom da sabedoria, passando a ser o conselheiro favorito do monarca. Porém, os outros sábios e conselheiros, com inveja, imediatamente procuraram o rei da Babilônia, Dario, e pediu-lhe que fosse criada uma lei, a qual dizia que, durante 30 dias, ninguém deveria orar a outro deus. Entretanto, o jovem Daniel não obedeceu a essa lei e como punição foi jogado na cova dos leões. O rei Dario, que gostava muito de Daniel, nada pode fazer, pois não poderia ir contra a lei do reino, então a sentença foi cumprida, mas Daniel nada sofreu. Os animais não o atacaram, ele que foi salvo porque nunca deixara de ter fé. No final, quem acabou indo para a cova dos leões foram os invejosos que tentaram matá-lo. O rei Dário, daquele dia em diante, deu mais poder a Daniel em seu reino e assim aquele homem valente serviu ao rei e ao seu Pai Celeste, enquanto viveu.

E o que essa história bíblica tem a ver com a letra da música, composta por Renato Russo? Analisando a história do compositor, todo o seu histórico vivido em meio à sociedade, é possível compreender que ele teve contato com o ensinamento religioso. Há uma interdiscursividade de discursos, em que existe o discurso religioso e o discurso ao qual o autor-sujeito se prende para desenvolver a letra da música. Há um discurso religioso quando o autor-sujeito relaciona o momento que Daniel vivia, ao seu próprio momento. Na história de Daniel assim como a de Renato, os dois sofrem com o preconceito e a pressão, porém na de Daniel, o principal motivo era sua devoção a Deus, e na de Renato, era a dificuldade de viver em meio a uma sociedade que julga errado o homossexualismo, pois Renato era homossexual, e ele faz uso dessa comparação para escrever essa letra. Nota-se, então, um conjunto de ideias ao qual a letra foi organizada.

A ideologia que é abordada na letra se sustenta no fato de que, no discurso religioso, a relação homoafetivo não é vista como uma união correta aos olhos de Deus e que diz que a união só é possível entre homem e mulher, já o discurso abordado pelo autor da letra, pensa o contrário, e defende a relação entre pessoas do mesmo sexo, sendo que haja amor e carinho entre ambos.

Iniciando a música, nota-se que o “EU” lírico, ao dizer *“Aquele gosto amargo do teu corpo, Ficou na minha boca por mais tempo”*, faz uso da metáfora para se referir ao sexo, mais precisamente ao sexo oral, uma sensação que é o amargo que se sente depois do ato. Em seguida é possível perceber que os braços envolvem o seu parceiro, como se fosse uma casa, o que demonstra ser um ato de descanso após o sexo, onde o momento é curtir, juntinho, a sensação de está coladinho, sentindo o cheiro do outro, como em um êxtase de prazer e satisfação. O que gera uma vontade, muitas vezes, de repetir mais uma, ou quantas vezes sejam possível para saciar a sede do desejo.

*Faço nosso o meu segredo mais sincero
E desafio o instinto dissonante.
A insegurança não me ataca quando erro
E o teu momento passa a ser o meu instante.
E o teu medo de ter medo de ter medo
Não faz da minha força confusão
Teu corpo é meu espelho e em ti navego
E eu sei que a tua correnteza não tem direção*

Trecho da música *Daniel na Cova dos Leões* –
Renato Russo/ Legião Urbana
Fonte: <https://www.letras.mus.br/legiao-urbana>.

Seguindo a letra, o “segredo” abordado no enunciado, na segunda estrofe, refere-se ao ato secreto que o “EU” e o parceiro tiveram, onde o mesmo diz que faz segredo mais sincero o que os dois acabaram de ter, e ao usar a expressão “*Instinto dissonante*”, o sujeito-autor a usa para exprimir o desejo de fazer algo impensado quando se está sendo governado pela emoção. Às vezes, pode surgir a vontade de fazer algo impensado que vai contra as emoções, o que pode trazer dor ou estranheza à outra pessoa; por isso a escolha de usar tal expressão, para dar ênfase ao que fora feito.

A insegurança, em destaque no enunciado, se refere ao medo de o parceiro não se sentir satisfeito com o sexo, mas quando o parceiro se sente bem, o outro também passa a se sentir realizado, por não ter falhado, e os dois passam a ser apenas um. O medo de ter medo que é abordado nos versos da estrofe, faz referência ao medo de o parceiro não querer se entregar ao outro, de não ter suas fantasias realizadas, satisfeitas. Quando na letra “*Teu corpo é meu espelho*”, o autor faz referência às características do outro parceiro, de serem as mesmas dele, ou seja, do mesmo sexo. Isso fica mais evidente, quando se faz uma análise do histórico do autor (Renato), pois o mesmo era homossexual. Aos dezoito anos, Renato revela à sua mãe que era homossexual, porém, ele mantém esse segredo diante da sociedade, porque temia a discriminação das pessoas, haja vista que na época em que a letra foi escrita, o preconceito era maior, devido às pessoas não terem o real conhecimento do homossexualismo. Continuando a letra, a “*correnteza não tem direção*” pode estar se referido às fantasias, os vários desejos que surgem no ato sexual. Como uma correnteza que não tem direção, e arrasta tudo pela frente, o desejo que os dois têm ao sentir uma vontade louca de consumir cada fantasia é incontrolável e inesperada.

*Mas, tão certo quanto o erro de ser barco
A motor e insistir em usar os remos,
É o mal que a água faz quando se afoga
E o salva-vidas não está lá porque
Não vemos*

Trecho da música *Daniel na Cova dos Leões* –
Renato Russo/ Legião Urbana
Fonte: <https://www.letras.mus.br/legiao-urbana>.

Nessa estrofe, O “eu”, autor-sujeito, faz uso de metáforas para expressar o verdadeiro sentido da música. Quando o mesmo diz “*Mas, tão certo quanto o erro de*

ser barco a motor e insistir em usar os remos”, é possível interpretá-la seguindo o sentido de que na sociedade são vários os caminhos “corretos” que temos que escolher, mas não os escolhemos; seguimos o caminho que não é visto muito bem pelos outros, e mesmo assim insistimos nessa escolha. Para exemplo, a opção sexual que Renato (sujeito-compositor) teve que escolher, em ser Homossexual, em vez de Heterossexual, dava-lhe a possibilidade de viver em liberdade, ao invés de se esconder nas sombras tentando enganar a si mesmo. Com uma sociedade preconceituosa em relação ao homossexualismo, algumas escolhas tem um peso que pode marcar pelo resto da vida.

“É o mal que a água faz quando se afoga, e o salva-vidas não está lá porque não vemos”, é uma das mais belas e mais complexas parte da música e pode estar se referindo a sensação ruim de estar vivendo entre tantos conflitos do eu, a dúvida de não ter feito a escolha correta do caminho; pois no final, não há ninguém que vá dizer se as suas escolhas estão certas ou erradas.

Giz

*E mesmo sem te ver
Acho até que estou indo bem
Só apareço, por assim dizer.
Quando convém aparecer
Ou quando quero
Quando quero*

Trecho da música Giz – Renato Russo/ Dado
Villa-Lobos / Marcelo Bonfá / Legião Urbana.
Fonte: <https://www.letras.mus.br/legiao-urbana>.

A letra da música Giz inicia com o sujeito-autor relatando em um determinado espaço-histórico do qual o mesmo diz sentir saudade de quando era criança. A cidade mencionada, implicitamente, é Rio de Janeiro, a qual só é possível de chegar a essa conclusão levando em conta o histórico-social do próprio autor, quando ele diz *“Só apareço, por assim dizer. Quando convém aparecer”*, o que deixa claro um sujeito do discurso já adulto. O sujeito-autor dessa letra viveu sua infância nesse local e que teve bons momentos. Mas a saudade não é exatamente da cidade em si, mas sim de um lugar simbólico da infância, que foi construído historicamente, na qual ele teve bons momentos e que nunca mais voltarão. Em sua memória discursiva, estão presentes vários discursos, principalmente os de quando ainda era uma criança, o que favoreceu no processo de criação do discurso.

*Desenho toda a calçada
Acaba o giz, tem tijolo de construção
Eu rabisco o sol que a chuva apagou
Quero que saibas que me lembro
Queria até que pudesses me ver
És parte ainda do que me faz forte
E, pra ser honesto
Só um pouquinho infeliz*

Trecho da música *Giz* – Renato Russo/ Dado
Villa-Lobos / Marcelo Bonfá / Legião Urbana.
Fonte: <https://www.letras.mus.br/legiao-urbana>.

“*Desenho toda a calçada, acaba o giz, tem tijolo de construção, eu rabisco o sol que a chuva apagou.*” Observa-se um momento no qual o sujeito do discurso descreve uma lembrança que gostava de fazer quando criança, que a infância do autor, assim como as de muitas outras crianças, tinha como brincadeira desenhar em toda a calçada, seja, com um giz ou com um pedaço de tijolo de construção, pequenos sóis que na imaginação infantil de uma criança tinha o poder de evitar a chuva. Essa é uma lembrança que o autor tinha. Percebe-se, então, que essa enunciação se constrói apoiada a uma formação discursiva do autor, a qual se refere a uma memória discursiva de uma brincadeira que uma criança costumava fazer.

Prosseguindo na mesma estrofe, fica claro que o sujeito refere-se a si mesmo, de quando ainda era criança “*Quero que saibas que me lembro. Queria até que pudesses me ver. És parte ainda do que me faz forte e, pra ser honesto, só um pouquinho infeliz*”. Nota-se aqui um discurso no qual o autor fala que ainda senti que existe aquela criança que costumava desenhar sóis na calçada; a marca linguística “*Até*” nos revela uma vontade que o sujeito tem em mostrar ao seu “eu” (criança) que ainda se lembra de toda aquela infância que viveu, e que isso, de certa forma, o torna forte, que o fez se tornar o que é hoje, mas o deixa infeliz, pois ainda sente falta daquela criança que tinha como maior preocupação: desenhar sóis na calçada. Isso revela, na Análise do Discurso, algo muito importante na elaboração de um discurso: a condição de produção. O sujeito ao discursar, faz uso das condições de produção, que, nesse caso, fica claro que são: a memória discursiva, poder simbólico que ele possui (nesse caso o momento em que viveu, e a situação em que ele se encontrava). Essas etapas são importantíssimas na criação de um discurso, pois revela como o sujeito fez para criar determinado discurso, mesmo não tendo ideia do processo de enunciação.

*Mas tudo bem
 Tudo bem, tudo bem
 Mas tudo bem
 Tudo bem, tudo bem
 Lá vem, lá vem, lá vem
 De novo
 Acho que estou gostando de alguém
 E é de ti que não me esquecerei
 Quando quero
 Quando quero
 Quando quero
 Eu rabisco o sol que a chuva apagou
 Acho que estou gostando de alguém.*

Trecho da música *Giz* – Renato Russo/ Dado
 Villa-Lobos / Marcelo Bonfá / Legião Urbana.
 Fonte: <https://www.letras.mus.br/legiao-urbana>.

Aqui há um conformismo do sujeito-autor, no qual aceita que tudo o que foi bom na sua infância se foi, e que precisa aceitar que tudo mudou e que já até está gostando de alguém, mas que sempre se lembrará do bom tempo que teve quando viveu sua infância no Rio de Janeiro. Renato era sentimental com as coisas, com as pessoas.

Pais e Filhos

*Estátuas e cofres e paredes pintadas
 Ninguém sabe o que aconteceu
 Ela se jogou da janela do quinto andar
 Nada é fácil de entender*

Trecho da música *Pais e Filhos* – Renato Russo/
 Dado Villa-Lobos / Legião Urbana. Fonte:
<https://www.letras.mus.br/legiao-urbana>.

A letra inicia com o detalhamento de um espaço-físico e encerra a estrofe com o suicídio de uma garota. O discurso abordado aqui é forte, pois deixa claro o suicídio de uma jovem. Podemos chegar a uma conclusão que “*Estátuas e cofres*” estão se referindo às pessoas imóveis; uma metáfora ao comparar com as figuras concretas que há no enunciado, que por sua vez são imóveis e guardam objetos. Mas também pode ganhar outro sentido: o status de uma família de classe alta; e que as “*paredes pintadas*” ganham um sentido de que há uma barreira que impede que as pessoas de fora vejam o que realmente acontece ali, que é o caso da (condição social). Pois ninguém consegue entender o que levou uma garota a se

matar. Na verdade, a sociedade tem uma forma de pensar que em uma família rica não existem problemas, e o dinheiro supra toda a necessidade que venha aparecer, e em vez de questionarem o status, seria melhor procurar saber o que levou a garota a se suicidar, quais os porquês, pois um suicida não quer tirar sua própria vida, mas sim se livrar de alguma dor, e isso fica evidente na relação que ela tinha com sua família.

*Dorme agora
É só o vento lá fora*

*Quero colo! Vou fugir de casa
Posso dormir aqui com vocês?
Estou com medo, tive um pesadelo
Só vou voltar depois das três*

Trecho da música *Pais e Filhos* – Renato Russo/
Dado Villa-Lobos Legião / Urbana. Fonte:
<https://www.letras.mus.br/legiao-urbana>.

Aqui temos o diálogo entre um pai e um filho, onde um pai tranquiliza o filho que está com medo do vento que o amedronta - típico da idade de uma criança sentir medo. Seguindo a letra, o autor usa vários discursos para relacionar o lado criança e adolescente, como em “Quero colo! / Vou fugir de casa”. De fato, as crianças pequenas sentem medo e precisam de carinho, em consequência disso pedem colo, e quando crescem e estão na fase adolescente, só pensam em fugir daquele ambiente que os prendem, e que não é compreendido; ao contrário do discurso do jovem que diz “Só vou voltar depois das três”, neste enunciado está presente o discurso, não de uma criança, mas sim de um jovem que já não sente medo, sente apenas a vontade de sair, de ter liberdade.

*Meu filho vai ter nome de santo
Quero o nome mais bonito*

*É preciso amar as pessoas
Como se não houvesse amanhã
Porque se você parar pra pensar
Na verdade não há*

Trecho da música *Pais e Filhos* – Renato Russo/
Dado Villa-Lobos / Legião Urbana. Fonte:
<https://www.letras.mus.br/legiao-urbana>.

Nesse trecho temos o discurso de que todo pai quer que o filho seja bom e tenha o nome mais lindo, ou seja, de um santo, haja vista que os santos são divindades bondosas. E Temos então, no refrão, um discurso forte no qual o autor nos diz que é preciso amar as pessoas, porque como no caso do suicídio da garota, ela não teve atenção, amor o suficiente, e se matou; e não existe mais o amanhã para ela. Então é preciso amar a todos como se o amanhã fosse hoje, porque o amanhã pode ser tarde demais.

*Me diz, por que que o céu é azul?
Explica a grande fúria do mundo
São meus filhos
Que tomam conta de mim*

Trecho da música *Pais e Filhos* – Renato Russo/
Dado Villa-Lobos Legião / Urbana. Fonte:
<https://www.letras.mus.br/legiao-urbana>.

Aqui nessa estrofe temos uma criança que questiona o porquê de o céu ser azul, a inocência da criança lhe faz questionar várias coisas do mundo. E no verso “*Explica a grande fúria do mundo*”, é na verdade uma metáfora, porque essa fúria são as pessoas, as coisas que acontecem de ruim, o porquê de tanta raiva entre as pessoas. A estrofe segue com um discurso de um pai ao dizer que são seus filhos que tomam conta dele, quando os filhos pensam no bem estar de seus pais.

*Eu moro com a minha mãe Mas meu pai vem me visitar
Eu moro na rua, não tenho ninguém Eu moro em qualquer lugar*

*Já morei em tanta casa
Que nem me lembro mais
Eu moro com os meus pais*

Trecho da música *Pais e Filhos* – Renato Russo/
Dado Villa-Lobos Legião Urbana. Fonte:
<https://www.letras.mus.br/legiao-urbana>.

O discurso aqui apresentado mostra várias vozes, e com suas particularidades. Por exemplo, uma demonstra a triste situação do quanto é difícil, para os filhos, ter os pais separados, quando diz “*Eu moro com a minha mãe, mas meu pai vem me visitar*”, o que fica evidente que o discurso abordado é de um filho que, tendo os pais separados, se vê em uma situação em que hora, mora com a

mãe; e outra com o pai. Na sequência da letra, já mostra outras vozes, uma que diz “*Eu moro na rua, não tenho ninguém*”, o que pode estar se referindo ao discurso de uma criança que vive na rua, afetada pela desigualdade social, fazendo-a viver em condições desiguais as outras crianças; outra “*Que mora em qualquer lugar*”, o que demonstra as várias situações que ocorre entre os jovens. E na sequência com a outra estrofe, mostra o quanto que a vida do jovem é dura, quando o mesmo decide sair de casa, passa por vários lugares, mora em várias casas, mas que no fim, cansa da vida que tanto procura e acaba voltando para casa dos seus pais.

*Sou uma gota d'água
Sou um grão de areia
Você me diz que seus pais não te entendem
Mas você não entende seus pais*

Trecho da música Pais e Filhos – Renato Russo/
Dado Villa-Lobos Legião Urbana. Fonte:
<https://www.letras.mus.br/legiao-urbana>.

Nesta estrofe, podemos perceber que há, nos dois primeiros versos, uma referência a uma passagem bíblica do livro de Isaías 40:15, no qual diz que o SENHOR considera que todas as nações do mundo são como uma gota d'água num balde, e também como um grão de poeira na balança. Dessa forma, o autor faz uso dessa passagem para comparar o momento que o adolescente sente em meio ao mundo. O mesmo se sente como uma gota d'água e um grão de areia em relação a todas as pessoas que vivem o mesmo que ele. A fase da adolescência é a mais confusa, pois é a fase das “descobertas”. Muitas coisas acontecem nesse curto período de tempo, e muitos jovens se sentem perdidos e sós em meio ao mundo de descobertas. O discurso acima evidencia essa informação. E nessa luta contra todas essas descobertas, faz com que ele seja, muitas vezes, incompreendido por seus pais, mas na verdade, são eles mesmos que não compreendem os seus pais, pois em muitos casos os pais só querem o melhor para os seus filhos.

*Você culpa seus pais por tudo, isso é absurdo
São crianças como você
O que você vai ser
Quando você crescer.*

Trecho da música Pais e Filhos – Renato Russo/
Dado Villa-Lobos / Legião Urbana. Fonte:
<https://www.letras.mus.br/legiao-urbana>.

A letra finaliza com o autor dizendo que mesmo os pais sendo adultos, eles também precisam de carinho e amor. Essa estrofe reflete o momento ao qual o sujeito-autor estava passando, o mesmo estava sentindo na pele a sensação de ser pai pela primeira vez, e refletiu em sua letra a sensibilidade que teve ao olhar para os pais e vê o que eles realmente eram em sua vida, pois no momento ele passava para uma nova fase da vida, saía então, a imagem de um filho e entrava a figura de um pai. Tudo agora mudaria para sempre.

Que País é Este

*Nas favelas, no Senado
Sujeira pra todo lado
Ninguém respeita a Constituição
Mas todos acreditam no futuro da nação
Que país é esse? (3x)*

Trecho da música *Que País é Este* – Renato Russo/ Legião Urbana. Fonte:
<https://www.letras.mus.br/legiao-urbana>.

Que País é Este foi uma letra de música escrita num período em que o Brasil vivia um momento de instabilidade política, em que o poder se via não mãos dos poderosos (políticos). Gravada no ano de 1984, a letra aborda um discurso contestador que realiza uma crítica aos poderosos da política brasileira. O autor da letra (Renato Russo) faz um comentário sobre o título da música que se encontra no livro “Renato Russo: Um Trovador Solitário” de Assad (2000), diz o comentário:

Aquela pergunta não é uma pergunta, é uma exclamação! Porque quem diz que país é este são as pessoas que vivem aqui. A gente tem um material fabuloso a ser trabalhado aqui no Brasil. A gente percebe certas coisas: tem muita gente trabalhando, tem muita gente fazendo muita coisa boa. O Brasil é também um país do Primeiro Mundo. Aqui num raio de dez quilômetros, vai ver quantas locadoras de vídeo têm. É primeiro mundo também! Agora, só para uma parte das pessoas (ASSAD, 2000, p. 210).

Nota-se, que nas palavras de Renato, o Brasil é um país onde o povo mais favorecido é o dos poderosos. O autor faz uma crítica à ordem pública, que na verdade não é uma ordem, mas sim uma desordem.

Logo na primeira estrofe, temos uma comparação entre as minorias da favela e a alta sociedade do senado de que não há respeito ao país, independente de quem seja, de que “*ninguém respeita a constituição*”, isso se comprova pelo fato de

que nem a classe mais pobre (nas favelas), e nem os que deveriam dar o exemplo de lei, a classe social de grande poder (no senado), se dão ao devido respeito. E quando menciona *“Sujeira pra todo lado”*, a palavra “sujeira”, na letra, tem o sentido de corrupção, as coisas que acontecem de errado no país, mas mesmo assim, todos acreditam em um futuro do país, mesmo havendo o desrespeito à lei. E temos o refrão onde ele se pergunta *“Que país é este”*, diante de tantas coisas erradas fica difícil distingui-lo.

*No Amazonas, no Araguaia, na Baixada fluminense
No Mato grosso, Minas Gerais e no Nordeste tudo
em paz
Na morte eu descanso, mas o sangue anda solto
Manchando os papéis, documentos fiéis
Ao descanso do patrão
Que país é esse? (4x).*

Trecho da música *Que País é Este* – Renato Russo/
Legião Urbana. Fonte:
<https://www.letras.mus.br/legiao-urbana>.

Nessa estrofe, é possível perceber que o autor faz uso da ironia ou até mesmo do sarcasmo, ao citar várias regiões que apresentam um histórico-social de lutas pelo poder, enquanto o patrão, que é o político, está vivendo à custa da população. Uma referência forte, que é citada, é a *“Guerrilha do Araguaia”*, que foi um movimento de luta armada, onde tal conflito ocasionou várias mortes. E no decorrer da estrofe, mostra que para o trabalhador - o sujeito que é denominado como “escravo do capitalismo”-, só existe uma forma de descanso, que é após a morte. Porém nos versos *“mas o sangue anda solto, Manchando os papéis, documentos fiéis, Ao descanso do patrão”*, a conjunção “mas” cria um efeito de sentido contraditório, pois nem diante de um possível descanso, o sangue (do trabalhador) ainda anda solto, manchando os papéis, de documentos fieis. O autor faz uso de um discurso metafórico no qual tem a função de criticar a real situação que existe entre o poder exercido no país, e o seu mau uso diante da sociedade. O sujeito do discurso ocupa uma posição em que mostra a sua verdadeira indignação em relação à situação vivida na letra da música. Dessa forma, através do enunciado da letra, onde mostra a sua crítica, é possível perceber que o sujeito exerce certo tipo de autoridade, pois deixa claro que conhece bem a real situação vivida, o que garante condições para produzir.

Terceiro Mundo se for
 Piada no exterior
 Mas o Brasil vai ficar rico
 Vamos faturar um milhão
 Quando vendermos todas as almas
 Dos nossos índios num leilão.
 Que país é esse?
 Que país é esse?

Trecho da música *Que País é Este* – Renato
 Russo/ Legião Urbana. Fonte:
<https://www.letras.mus.br/legiao-urbana>.

Nessa última estrofe o autor faz uso do discurso irônico, ao dizer “*Terceiro Mundo, se for, Piada no exterior*”, ao fazer referência à economia capitalista e o fato de não conseguir chegar à altura de outros países de primeiro mundo. Apesar de ser considerado um país com recursos para se desenvolver, não consegue faturar o necessário para estar de igual aos países desenvolvidos, porque não consegue administrar de forma certa os seus recursos. E mais pra frente afirma que o Brasil vai ficar rico depois que vender todas as almas dos índios em um leilão, deixando claro que desde o período da colonização o índio era tratado como mercadoria, seus valores, sua cultura não eram valorizadas, e eram vistos como produto de riqueza. E por fim a mesma pergunta “*Que país é esse?*” mediante a tantas coisas erradas se faz presente a dúvida de que país é este. Que não há uma resposta.

Tempo Perdido

Tempo perdido foi escrita em 1986, a qual faz parte do álbum “Dois”. A letra foi escrita por Renato, mas não foi uma produção rápida, a letra já havia sendo escrita desde antes, como diz Villa-Lobos (2015):

“Tempo perdido” já vinha sendo composta, pelo menos, desde o carnaval de 1985. Mas os seus primeiros versos foram aproveitados da “1977”, escrita nos tempos do Brasília Radio Center: “Todos os dias quando acordo de manhã/ Não tenho mais o tempo do dia que passou/ Mas tenho muito tempo para acabar com essa indecisão/ De ter a sinceridade em perigo.” Eu me recordo bem do processo de composição de “Tempo perdido” porque, em fevereiro de 1985, estava hospedado lá em casa, no Lago Sul, o Marcelo Rubens Paiva – autor do livro *Feliz ano velho*, lançado em 1982, e adaptado para o teatro no fim do ano seguinte (VILLA-LOBOS, 2015, p. 96).

Influenciada por uma ideologia que gira em torno de uma juventude que vive descobertas, a letra mostra uma tendência em que os jovens perdem uma quantidade substancial de tempo ao tentarem fazer algo. Mas que, às vezes, o tempo que se perde, na verdade, não reflete essencialmente em um tempo perdido.

A letra fala de uma juventude que está crescendo e que ao mesmo tempo está se perdendo em meio as grandes descobertas que se sucedem. O discurso aqui abordado, gira em torno de uma juventude e do próprio “eu” sujeito-autor da letra, pois na época em que escreveu a letra, o próprio, estava com 26 anos de idade. O autor faz uma reflexão à juventude que vive a descoberta, e que, às vezes, perde tanto tempo com coisas supérfluas, mas que ainda tem muito tempo pela frente, pois ainda são jovens e nem tudo está perdido.

*Todos os dias
Antes de dormir
Lembro e esqueço
Como foi o dia
Sempre em frente
Não temos tempo a perder*

Trecho da música *Tempo Perdido* – Renato Russo/ Legião Urbana. Fonte: <https://www.letras.mus.br/legiao-urbana>.

Aqui, nesta estrofe, há um “eu” que reflete todos os dias antes de dormir. Com a correria da vida, a sociedade nos expõe a uma grande quantidade de informações e experiências as quais estamos sujeitos a elas. O sujeito-autor, antes de dormir, lembra-se de todos os fatos que aconteceram durante seu dia, mas esquece de tudo ao dormir, como se fosse uma forma de tentar seguir em frente, de esquecer tudo aquilo que tenha acontecido de ruim. O discurso, aqui abordado, traz uma ideologia de esperança, de que, mesmo que tudo tenha dado errado, não devemos deixar de acreditar, e seguir em frente é sempre o melhor a se fazer.

*Nosso suor sagrado
É bem mais belo
Que esse sangue amargo
E tão sério
E selvagem, selvagem
Selvagem!*

Trecho da música *Tempo Perdido* – Renato Russo/ Legião Urbana. Fonte: <https://www.letras.mus.br/legiao-urbana>.

Aqui, a letra aborda uma realidade que reflete na sociedade, pois coloca em pauta a dignidade em conseguir o bem adquirido através do esforço. Quando o sujeito-autor usa *“Nosso suor sagrado, É bem mais belo que esse sangue amargo”*, ele está se referindo (através de metáfora) ao trabalho, ao esforço que temos que fazer para conseguir as coisas dignamente. Enquanto muitos crescem na vida com luta e esforço de forma digna e leal, outros, ao contrário, preferem se desenvolver a custa dos outros, de forma desleal, mentindo, sem esmero próprio, fazendo referência ao *“Sangue amargo”*, que é a forma errada de idealizar o crescimento.

*Veja o sol
Dessa manhã tão cinza
A tempestade que chega
É da cor dos teus olhos
Castanhos*

Trecho da música *Tempo Perdido* – Renato Russo/ Legião Urbana. Fonte:
<https://www.letras.mus.br/legiao-urbana>.

A letra segue com o autor, nesse trecho, mostrando que há sempre um lado bom nas coisas, mesmo que seja difícil de vê-las *“Veja o sol dessa manhã tão cinza”*, embora o cinza não seja a cor esperada de uma manhã, ele ainda consegue contemplar o sol, e isso é o mais importante, embora a vida não seja em um tom querido, sempre devemos ver o lado bom dela. Em sequência, ele, o autor-sujeito, diz que *“A tempestade que chega é da cor dos teus olhos, castanhos”*, aqui, ele faz referência a uma pessoa, ele expõe que toda a turbulência causada em sua vida se dá devido a essa pessoa, seu parceiro ou parceira, ao comparar a cor da tempestade com a cor dos olhos dela. Renato viveu uma vida de paixões que, muitas vezes, não eram correspondidas, e isso o entristecia a ponto de tentar loucuras. Talvez isso tenha trago, sim, muitos problemas em sua vida.

*Então me abraça forte
E diz mais uma vez
Que já estamos
Distantes de tudo
Temos nosso próprio tempo
Temos nosso próprio tempo
Temos nosso próprio tempo*

Trecho da música *Tempo Perdido* – Renato Russo/ Legião Urbana. Fonte:
<https://www.letras.mus.br/legiao-urbana>.

Nesse trecho, observa-se que a pessoa a qual o sujeito-autor do discurso pede um abraço é a mesma pessoa que lhe causa toda tempestade em sua vida, mas mesmo assim, ele a usa como um refúgio. Podemos notar que o sócio-histórico do sujeito-autor nos leva a crer que sua vida se reflete ao discurso da letra, pois em sua vida, ele viveu momentos ao qual puseram em prova seus sentimentos. O autor do discurso se apega a essa pessoa que lhe causa a tempestade e juntos enfrentam todas as adversidades da vida, como fugir de todos os problemas, de toda monotonia, preconceito, porque eles são donos do próprio tempo, tempo que só eles podem construir e viver.

*Não tenho medo do escuro
Mas deixe as luzes
Acesas agora
O que foi escondido
É o que se escondeu
E o que foi prometido
Ninguém prometeu
Nem foi tempo perdido
Somos tão jovens
Tão Jovens
Tão Jovens!*

Trecho da música *Tempo Perdido* – Renato Russo/ Legião Urbana. Fonte:
<https://www.letras.mus.br/legiao-urbana>.

Nessa última estrofe, podemos notar uma adversidade de ideias, onde a conjunção “mas” nos dá indício de oposição, pois o sujeito-autor em seu discurso diz que não tem medo do escuro, porém prefere deixar a luz acesa, como uma forma de prevenir qualquer adversidade que venha acontecer, pois o futuro é incerto e nada está claro, mas venha o que vier, ele quer está sempre prevenido. É a ideia de dormir com a luz acesa mesmo não tendo medo do escuro, a ideia de prevenção. A letra prossegue com o autor dizendo que os jovens, em muitas vezes, estão atrás de coisas na vida, de uma existência, algo a que possa se apegar, mas acabam se deixando levar por falsas promessas que muitas vezes não são cumpridas. Porém, mesmo assim, com todas essas tentativas de que querer algo que fora prometido e não concretizado, eles devem aceitar e viver, pois não foi tempo perdido e que há ainda muito pra viver, pois são jovens.

As análises das letras de músicas foram elaboradas de acordo com as teorias estudadas. Uma vez as análises feitas, nota-se que por trás de cada letra se encontra uma ideologia que influencia o sujeito a escrever sob determinada posição-sujeito. Influenciado por ela, o sujeito constrói e passa a falar sob seu ponto de visão. Quando analisada as letras, observa-se também que os discursos abordados giram em torno de uma memória discursiva, memória esta que se forma pela vivência histórica do sujeito. Dessa forma, as análises das letras musicais seguiram os estudos teóricos abordados sobre a análise do discurso de linha francesa, abordados nos capítulos anteriores.

5. PROPOSTA METODOLÓGICA

Tomar as letras de músicas como objeto de estudo na escola é uma forma de levar os alunos a questionarem presentes informações que estão implícitos nessas fontes propagadoras de discursos. Esses textos enquanto materialidades discursivas precisam ser lidas como um produto sócio-histórico que se concretizam com a memória.

A presente proposta traz como objetivo explorar as letras de músicas da Banda Legião Urbana em várias possibilidades metodológicas em sala de aula, mas não somente da banda, em todo caso, podem ser usados outros estilos musicais, caso seja preciso, para o desenvolvimento interpretativo do aluno. O objetivo é usar suas letras para um propósito de despertar o senso crítico do aluno sobre determinados temas que a letra aborda, trazendo as suas problemáticas para a sala de aula, para que possam ser discutidas e socializadas.

Para explorar as letras de músicas, são várias as possibilidades: Leitura, Interpretação, Seminário, Produção textual, Teatro e a Entrevista.

5.1. Leitura

A leitura é uma forma que o leitor tem de adquirir conhecimento e de se abrir para a vida. Pois através dela, aprendemos a nos comunicar socialmente, a expor ideias, a decodificar a escrita. “A leitura e a compreensão clara daquilo se leem são objetivos fundamentais e primários do ensino” Queiroz (2011, p.184). A leitura desperta o lado crítico e observador, aprimora nossa habilidade comunicativa e enriquece o vocabulário e proporciona libertação no sentido de autonomia do sujeito que lê. Através da leitura nos tornamos interpretes de uma história, sendo capazes de nos posicionar diante de uma determinada situação, melhorando a capacidade comunicativa e interpretativa.

Pensando em todas estas vantagens, a proposta de leitura traz ao professor o objetivo de selecionar as letras de música a serem trabalhadas com a turma; é importante que o professor inicie a sequência das atividades de leituras discursivas, realizando uma atividade de sondagem coletiva sobre o que os alunos já conhecem sobre o estilo musical, a exemplo de cantores e bandas e das temáticas das letras musicais. Em seguida, o professor pode passar ao desenvolvimento da primeira

atividade de leitura, sem qualquer tipo de mediação, sobre uma letra de música, a fim de observar as leituras iniciais dos alunos. Dando continuidade, o professor pedirá à turma que escolha (da coletânea entregue previamente) algumas músicas para serem lidas e discutidas coletivamente. Após a seleção feita pelos alunos, o professor solicitará a realização de uma leitura silenciosa de cada música e orientará os alunos a destacar o que chamou mais atenção no decorrer da leitura feita individualmente para que, em seguida, possa ser socializado junto à turma.

5.2. Interpretação

Interpretar é procurar dá sentido a algo, é através da interpretação que conseguimos nos posicionar diante de algo em evidência. A interpretação é a atribuição de um sentido, sabendo que todo texto é escrito com alguma finalidade a ser cumprida. “Chama-se de interpretação a atribuição de um sentido a uma estrutura profunda (interpretação semântica) ou a atribuição de traços fonológicos e fonéticos a uma estrutura de superfície (interpretação fonética)” Dubois (2007, p. 350). É necessário, antes de tudo, que compreendamos que toda linguagem, seja ela qual for, possui uma finalidade, um objetivo a cumprir. Ou seja, aquilo que o **emissor** se dispôs a elaborar não foi por acaso, pois ele realmente deseja obter a compreensão acerca daquilo que profere.

A compreensão do texto só é possível através de alguns aspectos, como as inferências, haja vista que o discurso não se mostra assim, tão às claras, isto é, por trás dele há uma ideologia, uma alusão. Há outro aspecto que exige uma habilidade necessária para fazer determinadas “conexões”, digamos assim, entre as ideias abordadas no discurso – aspecto esse que somente se torna materializado mediante o conhecimento de mundo, da realidade que nos cerca, dos quais devemos sempre dispor.

A proposta consistirá em uma seleção de Letras de Música que o professor terá que fazer. No começo o professor fará a entrega de uma música para cada aluno. O aluno então fará uma leitura silenciosa e depois fará uma análise das estrofes de modo a identificar cada tema que ela vem abordando e relacioná-la ao seu todo. Encontrar na música as suas características: físicas, sociais e psicológicas, são tarefas que os alunos terão que fazer. O aluno analisará a letra e procurará a ideia principal da letra, depois fará uma relação das informações

contidas no conteúdo, procurando socializar com a turma as informações encontradas.

5.3. Seminário

O seminário é um procedimento metodológico que consiste em uma dinâmica de grupo com o intuito de expor um determinado assunto. O seminário é uma técnica de aprendizagem que inclui pesquisa, discussão e debate. Ele não é feito somente para o professor, mas essencialmente para a turma de alunos. Medeiros (2004) define o seminário como uma busca de informações, por meio de pesquisa bibliográfica ou de entrevista de especialistas, discussões em grupo, confronto de pontos de vista. Não é apenas uma leitura de um texto, mas sim uma troca de ideias entre quem apresenta e quem assiste. Geralmente os organizadores apresentam um tema com o apoio de um texto distribuído entre os assistentes e usa o recurso de figuras, mapas, transparências, recortes de revistas ou jornais, vídeos, entre outros.

Nesta proposta de seminário, o professor formará grupos de alunos e fará a escolha de algumas letras de músicas. O professor deixará a critério de escolha de cada grupo, por qual letras os interessam mais, lembrando que todas as letras de músicas estejam abordando um tema relevante a ser estudado. Os alunos farão uma exposição dessa letra, envolvendo a biografia da banda autora da letra e em seguida abordando a letra em si, explicando aos demais alunos da sala a temática da letra, o problema no qual gera o texto. O objetivo do seminário consiste na leitura, análise e interpretação da letra musical.

5.4. Produção textual

Quando falamos em um texto, imagina-se em um amontoado de palavras. No entanto, todos eles sempre trazem uma ideia, uma informação que procura atingir um público sem conhecimentos adequados dos objetivos introduzidos em suas elaborações. Todo o pensamento elaborado introduz uma persuasão, visando à absorção do leitor e a interação entre leitura e conteúdo textual.

Produzir um texto está além de sua estrutura básica. Em um texto, é necessário que haja coerência e coesão para que seus leitores consigam entender a mensagem expressada pelo autor. “Um texto, porém, não se estrutura apenas com

ideia-chave, tópico frasal, ideia principal; ele também apresenta ideias secundárias cuja compreensão é necessária para a compreensão total da mensagem” Medeiros (2014, p. 109). Portanto, necessita-se de um conhecimento específico sobre um pensamento concreto sobre o que está sendo abordado.

A letra de música pode ser usada como um texto de apoio para a produção textual, ou seja, na realização de uma redação, esta letra pode estar servindo como um texto que irá auxiliar o aluno na produção textual. Em toda letra de música predomina um tema que envolve problemas do cotidiano, seja de amizade, amor, crítica à sociedade, mentira, ou até mesmo voltado a temas históricos, em outras palavras, a letra de música engloba temas da vida. O professor ensinará a forma correta de se produzir um texto através daquela letra. Primeiramente, instruirá os alunos a lerem a letra, tirar a ideia base e associá-la com a problemática da sociedade atual de forma que venha a criar uma coerência de identidade e a partir daí começar a produzir o seu texto.

5.5. Teatro

O teatro é uma arte no qual um ator ou um conjunto de atores interpreta uma história ou atividade, com o auxílio de dramaturgos e diretores, com o objetivo de representar uma situação e despertar sentimentos no público. O teatro proporciona muitas formas de artes que nos leva a entrar na temática de um problema. “A atividade atrativa principalmente para adolescentes, o teatro, a arte de representar, pode ser um importante instrumento do educador, para inserir os temas transversais em sua prática educacional e para aumentar a interação do grupo” (QUEIROZ, 2011, p. 268). O teatro, como afirma a autora, é uma atividade principalmente atrativa aos adolescentes, é uma arte de representar, e, como outra forma de atividade, proporciona uma ótima ferramenta de educação, pois leva a inserir temas transversais e aumentar a interação entre grupos.

A atividade poderá ser realizada através de uma encenação teatral, que consistirá na encenação de um problema contido na letra da música. O professor formará grupos e entregará a cada grupo uma letra de música, o grupo irá analisar a música e ver qual a melhor forma de apresentar, seja o teatro propriamente dito, ou um musical, sendo auxiliado pelo professor. Primeiramente, o professor analisará a letra e verá se é boa ou não para ser encenada, também poderá deixar em aberto

para que os alunos possam escolher a sua própria letra, mas que esteja nos critérios legais da temática escolar. O objetivo é materializar o tema contido na música de acordo com o que os alunos veem e compreendem. O teatro servirá para aumentar a interação do aluno e proporcionar o estímulo da pesquisa em grupo.

5.6. Entrevista

A entrevista é uma conversa entre duas ou mais pessoas (o entrevistador e o entrevistado) onde perguntas são feitas pelo entrevistador de modo a obter informação necessária por parte do entrevistado. Segundo Gil (2008) pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formulam perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação.

O professor pedirá aos alunos que formem grupos com a finalidade de produzir uma entrevista com o objetivo de identificar através de perguntas o autor da música, o ano que a letra foi feita, qual a influência que essa música teve. Nessa metodologia, o professor formará grupos de alunos e entregará a cada grupo uma letra de música, sendo que os mesmos montarão uma entrevista, como em um programa de televisão, onde teria o entrevistador, os membros da banda e a plateia. A finalidade dessa atividade é fazer com que os alunos possam pesquisar sobre a música e conhecer o universo na qual ela foi criada, além do mais, estarão conhecendo a história da banda e poderão ver a influência que a banda teve para compor tal letra. O entrevistador fará perguntas aos componentes da banda, estes responderão, e ainda terão que responder perguntas da plateia. O que torna mais interessante, é que o resto da turma poderá participar também, de forma indireta, através de perguntas criadas na hora.

Estas propostas têm como finalidade estimular o educador e o educando sobre as diferentes maneiras de se trabalhar com o gênero Letra de Música nas aulas de Língua Portuguesa. É importante que essas propostas sejam trabalhadas pelos educadores de uma forma que leve o aluno a interpretar as determinadas situações abordadas nas letras. Haja vista que cada possibilidade apresentada como proposta procura focar no desenvolvimento do aluno, levando-o a desenvolver seu lado interpretativo entre os demais.

6. CONCLUSÃO

Com base na análise discursiva presente nos enunciados das letras musicais da banda Legião Urbana, foi possível constatar como a ideologia trabalha o eu fator construtivo no discurso presente na estrutura do Gênero Textual letra de música.

Partindo das análises feitas, podemos perceber que tais elementos como língua, ideologia e sujeito são conceitos importantes para a produção de um discurso. É impossível ouvir atentamente uma música de bandas como a Legião Urbana sem refletir a respeito das questões colocadas nos enunciados de suas letras, frases construídas com a intenção de fazer o leitor divagar em suas conjecturas e “viajar” através da sua capacidade de interpretação.

Um fator de grande importância que justifica o uso da letra de música e que contribui ainda mais para a compreensão e interpretação desse tipo de texto é o aspecto musical, com a riqueza de seus elementos melódicos e rítmicos. Letras de Músicas podem trabalhar lado a lado com o ensino literário, pois assim como a literatura possui suas fontes de sentidos e interpretações, a música tem em sua estrutura a riqueza de elementos interpretativos que podem ajudar no desenvolvimento do aluno em sala de aula.

A Letra de música é fundamental na sala de aula, não apenas para o desenvolvimento da produção de texto, conhecimento de gêneros e apreciação musical (letra e melodia), mas, também, pelo fato de despertar emoções, pensamentos críticos e tornar os educandos mais sensíveis às questões e problemáticas do cotidiano. Com este gênero textual, o professor pode trabalhar questões sociais, seja ela qual for, ele estará trabalhando uma estrutura essencialmente perfeita em todos os sentidos e também pode estar trabalhando com a Letra de Música várias possibilidades metodológicas em sala de aula, proporcionando ao ambiente de aula um aprendizado e uma dinamicidade sem igual e saindo um pouco daquelas aulas cansativas em que o aluno mostra pouco interesse.

Vale ressaltar que as análises realizadas nesse trabalho estão sustentadas na Análise do Discurso de linha francesa que corresponde a essa proposta, porém essas análises são de cunho interpretativo e cabe a cada analista fazer a sua, tão logo, o espaço fica aberto para infindáveis discussões.

REFERÊNCIAS

ARCOVERDE, Maria Divanira de Lima. **Leitura, interpretação e produção textual.** Maria Divanira de Lima Arcoverde; Rossana Delmar de Lima Arcoverde. Campina Grande; Natal: UEPB/UFRN, 2007.

ASSAD, Simone. **Renato Russo de A a Z: as ideias do líder da Legião Urbana.** Campo Grande: Ed. Letra Livre, 2000.

Borges de Paula, Denílson ; Molina, Márcia A.G. **A letra de *faroeste caboclo* e seus intertextos.** 2010 (UNISA).

Disponível em: <www.unisa.br>. Acesso em: 14 fev 2016, 16:35:50.

BRANDÃO, Helena Hathsue Negamine. **Introdução à análise do discurso.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

BRANDÃO, H.H.N. (Coordenadora) (2000) **Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica.** São Paulo: Cortez Ed, 2000 (Coleção aprender e ensinar com textos, v. 5).

CAPACCHI, Candice Cláudia. **As letras de canção de renato russo e seu diálogo com a poesia dos anos 80.** Curitiba 2003.

Disponível em: <www.dspace.c3sl.ufpr.br>. Acesso em: 10 fev 2016, 19:30:20.

CARVALHO, Fabiana Castro. **O gênero canção: uma prática intersemiótica.** UFES, 2009.

Disponível em: <www.filologia.org.br>. Acesso em: 15 fev 2016, 13:45:10.

COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. **Reflexões teórico-metodológicas para o trabalho com os gêneros textuais nas aulas de língua portuguesa.** Agosto de 2009 – Caxias do Sul – RS – Brasil – ISSN 1808 – 7655.

Disponível em: <www.ucs.br>. Acesso em: 10 fev 2016, 15:25:50.

COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. **Por uma concepção sociointeracionista da linguagem: orientações para o ensino da língua portuguesa.** Revista Línguas & Letras. 1º Semestre de 2011 - ISSN: 1981-4755

Disponível em: <www.e-revista.unioeste.br>. Acesso em: 10 fev 2016, 15:28:15.

DAPIEVE, Arthur. **Renato Russo: o trovador solitário.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará. Prefeitura, 2000.

DOS SANTOS; LIMA; DA SILVA. **O uso do gênero letra de música para o desenvolvimento das competências linguístico discursivas dos alunos.** / Gilianne Vicente dos Santos; Aline Giseli da Silva Lima; Jacineide Virgínia Borges O. da Silva. (UFPB), 2015.

Disponível em: <www.editorarealize.com.br>. Acesso em: 10 fev 2016, 20:30:16.

DUBOIS, Jean et. AL. **Dicionário de linguística**. 15º ED. (Tradução de Barros et. AL.). Cultrix: São Paulo, 2007.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso reflexões introdutórias**. CLARALUZ, 2013.

GIL, Antonio Carlos. Entrevista. In: **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil_metodos_de_pesquisa.pdf>. Acesso em: 10 de julho 2016, 18:43:15.

GUIMARÃES, Elisa. **Texto, discurso e ensino**. São Paulo: Contexto, 2009.

Métodos de pesquisa / [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira ; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie>>. Acesso em: 15 julho 2016, 13:06:23.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso: (Re)ler Michel Pêcheux hoje**. tradução Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MARTINSS, Thainá Leite. **Concepção sociointeracionista no ensino de português como língua materna: processos de leitura e escrita em sala de aula**. Brasília 2012. Disponível em: <www.bdm.unb.br>. Acesso em: 10 fev 2016, 13:20:45.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação Científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas**. São Paulo: Atlas, 2004.

MEURER; BONINI; MOTTA-ROTH, J.L., Adair, Desirée (organizadores). **Gêneros: teorias, métodos, debates/**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MORESI, Eduardo. **Metodologia da Pesquisa**. Brasília: Universidade católica de Brasília – ucb, 2003. Disponível em: <<http://ftp.unisc.br/portal/upload>>. Acesso em: 15 julho 2016, 12:23:15.

ORLANDI, Eni. P. **Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos** – Campinas; São Paulo. Pontes Editores, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. Campinas: Pontes, 2009.

PAES, Carolina Casarin. Influências do rock da legião urbana no comportamento da “geração coca-cola”. **I congresso internacional de estudos do rock**, Cascavel, Set. 2013. Disponível em: <<http://www.congressodorock.com.br/evento/anais/2013/artigos>>. Acesso em: 15 julho. 2016.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. **Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para os anos finais do ensino fundamental**. Curitiba: SEED, 2008.

PREUSSLER, C. C; CAMARGO, W. A. **O pornô é bom para a sociedade: formação discursiva e interdiscurso**. Vol 6 Nº 2 – 2012 15ª edição. Disponível em: <www.e-revista.unioeste.br/index. > Acesso em: 06 fev 2016, 19:31:15.

QUEIROZ, Tânia Dias. **Dicionário prático de pedagogia**. São Paulo: Rideel, 2011.

SILVA, Marcinete Rocha da. **Gêneros textuais como recurso para ensino e aprendizado de língua portuguesa**. / Marcinete Rocha da Silva. 2011. Disponível em: <www.unemat.br> Acesso em: 17 de fev 2016, 17:45:30.

SOUZA, Sérgio Augusto Freire de. **Conhecendo Análise de Discurso – Linguagens, sociedade e Ideologia**. Manaus: Editora Valer, 2006.

SOUZA, Sérgio Augusto Freire de. **Análise de discurso: procedimentos metodológicos**. Manaus: Instituto Census, 2014 57p.

RUSSO, Renato. **Daniel na Cova dos Leões**/Dois, 1986. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/legiao-urbana/22499/>>. Acesso em: 02 maio 2016, 14:27:20.

RUSSO, Renato; VILLA-LOBOS, Dado; BONFÁ, Marcelo. **Giz/O** Descobrimento do Brasil, 1993. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/legiao-urbana/46973/>>. Acesso em: 02 maio 2016, 14:30:30.

RUSSO, Renato; VILLA-LOBOS, Dado. **País e Filhos**/As Quatro Estações, 1989. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/legiao-urbana/46935/>>. Acesso em: 02 maio 2016, 14:25:15.

RUSSO, Renato. **Que País é Este**/Que País é Este, 1978/1987. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/legiao-urbana/22488/>>. Acesso em: 02 maio 2016, 14:28:23.

RUSSO, Renato. **Tempo Perdido**/Dois, 1986. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/legiao-urbana/22489/>>. Acesso em: 02 maio 2016, 14:32:11.

Anexo A – Letra da Música: Daniel na cova dos leões

Legião Urbana/ Composição: Renato Russo

Aquele gosto amargo do teu corpo
Ficou na minha boca por mais tempo.
De amargo, então salgado ficou doce,
Assim que o teu cheiro forte e lento
Fez casa nos meus braços e ainda leve,
Forte, cego e tenso, fez saber
Que ainda era muito e muito pouco.

Faço nosso o meu segredo mais sincero
E desafio o instinto dissonante.
A insegurança não me ataca quando erro
E o teu momento passa a ser o meu instante.
E o teu medo de ter medo de ter medo
Não faz da minha força confusão.
Teu corpo é meu espelho e em ti navego
E eu sei que a tua correnteza não tem direção.

Mas, tão certo quanto o erro de ser barco
A motor e insistir em usar os remos,
É o mal que a água faz quando se afoga
E o salva-vidas não está lá porque não vemos.

<https://www.letras.mus.br/legiao-urbana/46935/> Data: 02/05/2016

Anexo B – Letra da Música: Giz

Legião Urbana/ Composição: Renato Russo / Dado Villa-Lobos / Marcelo Bonfá

E mesmo sem te ver
Acho até que estou indo bem
Só apareço, por assim dizer
Quando convém aparecer
Ou quando quero
Quando quero

Desenho toda a calçada
Acaba o giz, tem tijolo de construção
Eu rabisco o sol que a chuva apagou
Quero que saibas que me lembro
Queria até que pudesses me ver
És parte ainda do que me faz forte
E, pra ser honesto
Só um pouquinho infeliz

Mas tudo bem
Tudo bem, tudo bem
Mas tudo bem
Tudo bem, tudo bem
Lá vem, lá vem, lá vem
De novo
Acho que estou gostando de alguém
E é de ti que não me esquecerei

Quando quero
Quando quero
Quando quero
Eu rabisco o sol que a chuva apagou
Acho que estou gostando de alguém

<https://www.letras.mus.br/legiao-urbana/22499/> Data: 02/05/2016

Anexo C – Letra da Música: Pais e Filhos

Legião Urbana/ Composição: Dado Villa-Lobos / Renato Russo

Estátuas e cofres e paredes pintadas
Ninguém sabe o que aconteceu
Ela se jogou da janela do quinto andar
Nada é fácil de entender

Dorme agora
É só o vento lá fora

Quero colo! Vou fugir de casa
Posso dormir aqui com vocês?
Estou com medo, tive um pesadelo
Só vou voltar depois das três

Meu filho vai ter nome de santo
Quero o nome mais bonito

É preciso amar as pessoas
Como se não houvesse amanhã
Porque se você parar pra pensar
Na verdade não há

Me diz, por que que o céu é azul?
Explica a grande fúria do mundo
São meus filhos
Que tomam conta de mim

Eu moro com a minha mãe
Mas meu pai vem me visitar
Eu moro na rua, não tenho ninguém
Eu moro em qualquer lugar

Já morei em tanta casa
Que nem me lembro mais
Eu moro com os meus pais

É preciso amar as pessoas
Como se não houvesse amanhã
Porque se você parar pra pensar
Na verdade não há

Sou uma gota d'água
Sou um grão de areia
Você me diz que seus pais não te entendem
Mas você não entende seus pais

Você culpa seus pais por tudo, isso é absurdo
São crianças como você
O que você vai ser
Quando você crescer

<https://www.letras.mus.br/legiao-urbana/22488/> Data: 02/05/2016

Anexo D – Letra da Música: Que País é Esse?

Legião Urbana/ Composição: Renato Russo

Nas favelas, no Senado
Sujeira pra todo lado
Ninguém respeita a Constituição
Mas todos acreditam no futuro da nação

Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?

No Amazonas, no Araguaia-ia-ia
Na baixada fluminense
Mato Grosso, Minas Gerais
E no nordeste tudo em paz
Na morte eu descanso
Mas o sangue anda solto
Manchando os papéis, documentos fiéis
Ao descanso do patrão

Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?

Terceiro mundo se for piada no exterior
Mas o Brasil vai ficar rico
Vamos faturar um milhão
Quando vendermos todas as almas
Dos nossos índios num leilão

Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?

<https://www.letras.mus.br/legiao-urbana/46973/> Data: 02/05/2016

Anexo E – Letra da Música: Tempo Perdido

Legião Urbana/ Composição: Renato Russo

Todos os dias quando acordo
Não tenho mais
O tempo que passou
Mas tenho muito tempo
Temos todo o tempo do mundo

Todos os dias
Antes de dormir
Lembro e esqueço
Como foi o dia
Sempre em frente
Não temos tempo a perder

Nosso suor sagrado
É bem mais belo
Que esse sangue amargo
E tão sério
E selvagem, selvagem
Selvagem!

Veja o sol
Dessa manhã tão cinza
A tempestade que chega
É da cor dos teus olhos
Castanhos

Então me abraça forte
E diz mais uma vez
Que já estamos
Distantes de tudo
Temos nosso próprio tempo
Temos nosso próprio tempo
Temos nosso próprio tempo

Não tenho medo do escuro
Mas deixe as luzes
Acesas agora
O que foi escondido
É o que se escondeu
E o que foi prometido
Ninguém prometeu
Nem foi tempo perdido
Somos tão jovens
Tão Jovens
Tão Jovens!

<https://www.letras.mus.br/legiao-urbana/22489/> Data: 02/05/2016